

Cada volume - 100 réis



BIBLIOTHECA UNIVERSAL

ANTIGA E MODERNA

ALVARENGA

POEMAS EROTICOS

- HISTORIA
- PHILOSOPHIA
- POLITICA
- ARTE
- THEATRO
- POESIA
- ROMANCE
- ECONOMIA



COMPANHIA NACIONAL EDITORA

BIBLIOTHECA UNIVERSAL

ANTIGA E MODERNA

POEMAS EROTICOS

POR

MANUEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA

(ALCINDO PALMIRENO)

COM UMA NOTICIA BIOGRAPHICA DO AUCTOR

3.ª SÉRIE — NÚMERO 36



LISBOA

COMPANHIA NACIONAL EDITORA

Successora de DAVID CORAZZI e JUSTINO GUEDES

40 — Rua da Atalaya — 52

FILIAES: Praça de D. Pedro, 127, 1.º andar, PORTO

* 38, rua da Quitanda, Rio de Janeiro

1889



LISBOA

TYPOGRAPHIA DA COMPANHIA NACIONAL EDITORA

309, Rua da Rosa, 309

1889



NOTICIA BIOGRAPHICA

Alvarenga (Manuel Ignacio da Silva), poeta brasileiro, que nasceu no Brazil em S. João d'El-Rei (Minas Geraes). O illustre brasileiro Pereira da Silva indica o anno de 1758 como data incontestavel do seu nascimento, mas Joaquim Noberto de Sousa e Silva diz que elle nasceu em 1740. Foi filho de um musico, e musico tambem foi porque teve reputação de eximio rebequista, o que explica até certo ponto a harmonia e sonoridade de muitos dos seus versos.

Depois de cursar os seus primeiros estudos na terra da sua naturalidade, e mais tarde no Rio de Janeiro, veiu a Portugal matricular-se na universidade de Coimbra, onde tomou o grau de bacharel formado na faculdade de direito.

Foi em Coimbra que elle compoz o seu poema heroico comico intitulado *O desertor das lettras*, poema em que se ridicularisava a organização dos estudos universitarios anteriores á reforma do marquez de Pombal, reforma que era n'aquelles versos entusiasticamente celebrada.

Foi o proprio marquez quem em 1783 ordenou a impressão do poema, contra vontade do auctor, cuja modestia se recusava a publical-o.

Depois de formado, Alvarenga veiu para Lisboa exercer a advocacia, e começou a adquirir celebridade entre os litteratos da sua epocha pela magnifica ode composta na inauguração da estatua equestre d'el-rei D. José. O seu talento poetico tornou-se deveras applaudido e festejado nos saraus de Lisboa.

Mas a nostalgia, que se lhe avivava mais e mais com as recordações saudosas do beijaflôr, dos cajueiros e das mangueiras do paiz natal, obrigou-o um dia a desprender-se dos applausos da córte, e foi ser advogado em S. João d'El-rei, onde simultaneamente abriu uma aula gratuita de rhetorica.

Então começa verdadeiramente o primor dos seus trabalhos poeticos, como se aquella organização, acostumada ao clima dos tropicos, carecesse de ouvir os cantos do sabiá e de regalar-se com os esplendores da vegetação luxuriant e, para se desatar em magnificos fructos.

Data d'essa epocha a sua composição poetica intitulada *O templo de Neptuno*, em que descreve o regresso para a patria, e a *Gruta Americana*, tentativa de alliança entre a poesia classica pagã e as novas imagens que lhe inspirava aquelle encantador paiz da America.

A ALCINDO PALMERINO

RONDÓ

POR UM AMIGO E COMPATRIOTA

Toma a lyra, Alcindo amado,
N'este prado a Glaura canta;
Ah! levanta a voz divina,
E me ensina a suspirar.

Para ouvir-te o sol ardente
Fresca sombra nos procura:
O regato não murmura,
E a corrente faz parar.
Pelos ramos tortuosos
O silencio enfreia as aves:
Brandos zephyros suaves
Vem saudosos escutar.

Toma a lyra, Alcindo amado,
N'este prado a Glaura canta;
Ah! levanta a voz divina,
E me ensina a suspirar.

Se no bosque, ou nas montanhas
Ruge a onça d'ira accésa,
Tu lhe podes a fereza,
E as entranhas abrandar.

Dôce o som dos teus accentos,
Como o mel que a abelha cria,
Move a tôsca penedia,
Onde os ventos vão quebrar.

Toma a lyra, Alcindo ama io,
N'este prado a Glaura canta,
Ah! levanta a voz divina,
E me ensina a suspirar.

Aqui junto aos arvoredos
Deixa o pallido receio,
E não temas do teu seio
Mil segredos arrancar.
N'estes campos, n'estes valles
A calumnia, e o monstro fero...
Mas, ó céos! para que quero
Tristes males recordar.

Toma a lyra, Alcindo amado,
N'este prado a Glaura canta;
Ah! levanta a voz divina,
E me ensina a suspirar.

Inda os olhos mal enxutos
De sentir os teus amores,
Virão candidos pastores
Tenros fructos te offertar.
Virão nymphas da floresta
Louras, brancas e formosas;
E trarão jasmims e rosas
Para a testa te enfeitar.

Toma a lyra, Alcindo amado,
N'este prado a Glaura canta;
Ah! levanta a voz divina,
E me ensina a suspirar.

GLAURA

POEMAS EROTICOS

RONDÓS

ANACREONTE

De teu canto a graça pura,
E a ternura não consigo ;
Pois commigo a dôce lyra
Mal respira os sons de amor.

Quando as cordas lhe mudaste,
O' feliz Anacreonte,
Da Meónia viva fonte
Exgottaste o claro humor.
O ruído lisonjefro
D'essas aguas não escuto,
Onde geme dado a Pluto
O grosseiro habitador.

De teu canto a graça pura,
E a ternura não consigo ;
Pois commigo a dôce lyra
Mal respira os sons de amor.

N'este bosque desgraçado
Mora o odio, e vil se nutre
Magra inveja, negro abutre
Esfaimado e tragador.

Não excita meus affectos
Gnido, Paphos, nem Cythéra :
Vejo a serpe, ouço a panthera . . .
Oh que objectos de terror !

De teu canto a graça pura,
E a ternura não consigo;
Pois commigo a dôce lyra
Mal respira os sons de amor.

Cruel setta passadora
Me consome pouco a pouco,
E no peito frio e rouco
A alma chora, e cresce a dôr.
Surda morte n'estes ares
Enluctada, e triste vejo,
E se entrega o meu desejo
Dos prazeres ao rigor.

De teu canto a graça pura,
E a ternura não consigo;
Pois commigo a dôce lyra
Mal respira os sons de amor.

Dos heroes te despediste,
Por quem musa eterna sôa ;
Mas de flôres na corôa
Inda existe o teu louvor.
De agradar-te sou contente :
Sacro loiro não me inflamma :
Da mangueira a nova rama
Orne a frente do pastor.

De teu canto a graça pura,
E a ternura não consigo ;
Pois commigo a dôce lyra
Mal respira os sons de amor.

A LUZ DO SOL

Luz do sol, quanto és formosa,
Quem te gosa não conhece;
Mas se desce a noite fria,
Principia a suspirar.

Quando puro se derrama
Vivo ardor no ameno prado,
Pelas brenhas fuge o gado
Verde rama a procurar.
E se o astro luminoso
Deixa tudo em sombra fusca
Triste então o abrigo busca
Vagaroso a ruminar.

Luz do sol, quanto és formosa,
Quem te gosa não conhece;
Mas se desce a noite fria,
Principia a suspirar.

Lavrador, que afflicto e velho,
Sobre o campo endurecido,
Vêr deseja submergido
O vermelho sol no mar.

E se o humido negrume
Tolda os céos, e os valles banha,
Fita os olhos na montanha,
Onde o lume vê raiar.

Luz do sol, quanto és formosa,
Quem te gosa não conhece ;
Mas se desce a noite fria,
Principia a suspirar.

Pela tarde mais ardente
O pastor estima as grutas,
Onde penhas nunca enxutas
Vê contente gottejar.
E se as trevas no horisonte
Desenrolam negro manto,
Com saudoso e flebil canto
Faz o monte resonar.

Luz do sol, quanto és formosa,
Quem te gosa não conhece;
Mas se desce a noite fria,
Principia a suspirar.

Assim Glaura, que inflammada
Perseguiu aves ligeiras,
Quer á sombra das mangueiras
De cançada respirar.
Entre risos, entre amores,
Se lhe falta o dia, chora,
E vem cedo a vér a aurora
Sobre as flôres orvalhar.

Luz do sol, como és formosa,
Quem te gosa não conhece;
Mas se desce a noite fria,
Principia a suspirar.

O CAJUEIRO

Cajueiro desgraçado,
A que fado te entregaste,
Pois brotaste em terra dura
Sem cultura e sem senhor!

No teu tronco pela tarde,
Quando a luz no céu desmaia,
O novilho a testa ensaia,
Faz alarde do valor.
Para fructos não concorre
Este valle ingrato e secco;
Um se enruga murcho e péco,
Outro morre ainda em flôr.

Cajueiro desgraçado,
A que fado te entregaste,
Pois brotaste em terra dura
Sem cultura e sem senhor!

Vês nos outros rama bella,
Que a Pomóna por tributos
Offerece dôces fructos
De amarella e rubra côr?

Ser copado, ser florente
 Vem da terra preciosa;
 Vem da mão industriosa
 Do prudente agricultor.

Cajueiro desgraçado,
 A que fado te entregaste,
 Pois brotaste em terra dura
 Sem cultura e sem senhor!

Fresco orvalho os mais sustenta
 Sem temer o sol activo;
 Só ao triste semivivo
 Não alenta o dôce humor.
 Curta folha mal te veste
 Na estação do lindo agosto,
 E te deixa nú, e exposto
 Ao celeste intenso ardor.

Cajueiro desgraçado,
 A que fado te entregaste,
 Pois brotaste em terra dura,
 Sem cultura e sem senhor!

Mas se esteril te arruinas,
 Por destino te conservas,
 E pendente sobre as hervas
 Mudo ensinas ao pastor.
 Que a fortuna é quem exalta,
 Quem humilha o nobre engenho:
 Que não vale humano empenho,
 Se lhe falta o seu favor.

Cajueiro desgraçado,
 A que fado te entregaste,
 Pois brotaste em terra dura
 Sem cultura e sem senhor!

IV

O POMBO

O meu pombo, a quem amava,
Egualava ao branco arminho:
Do seu ninho, ó desventura!
Que mão dura o foi roubar?

Na manhã clara e serena,
Se o achava dormitando,
O seu somno doce e brando
Tinha pena de turbar.
Que saudade me consome!
Ai de mim! se me sentia,
O biquinho logo abria
Para a fome saciar.

O meu pombo, a quem amava,
Egualava ao branco arminho:
Do seu ninho, ó desventura!
Que mão dura o foi roubar?

Era manso, era amoroso,
E as caricias conhecendo,
Desejava estremeçando
Ser mimoso em agradar.

O receio já presago
Me dizia na floresta,
Que o tornasse pela sesta
Com afago a visitar.

O meu pombo, a quem amava,
Egualava ao branco arminho:
Do seu ninho, ó desventura!
Que mão dura o foi roubar?

Glaura, ó céos! porque cedeste
A meus rogos? dize agora,
«Pobres dons d'uma pastora
Não quizeste conservar!»
Esta mágua me atormenta,
E não sei como inda vivo;
Pois se busco lenitivo
Mais se augmenta o suspirar.

O meu pombo a quem amava,
Egualava ao branco arminho:
Do seu ninho, ó desventura!
Que mão dura o foi roubar?

Não me alegre o dôce encanto,
Nem afino a curva lyra,
Tudo sente e tudo inspira
O meu pranto, o meu pesar.
O destino por piedade
Me converta em pura fonte,
Porque possa n'este monte
A saudade eternizar.

O meu pombo, a quem amava,
Egualava ao branco arminho:
Do seu ninho, ó desventura!
Que mão dura o foi roubar?

A SERPENTE

Verde cedro, verde arbusto,
Que o meu susto e prazer vistes,
Vamos tristes na memoria
Essa historia renovar.

Este o valle, é esta a fonte:
Glaura achei aqui dormindo:
Sonha alegre e se está rindo,
E eu defronte a suspirar.
Junto d'ella pavoroso,
Vi ó céos! monstro enrolado,
Féro, enorme, atroz, manchado,
E escamoso scintillar.

Verde cedro, verde arbusto,
Que o meu susto e prazer vistes,
Vamos tristes na memoria
Essa historia renovar.

Ardo, e tremo, e louco amante
Mil horrores n'alma pinto:
Vou... receio... ah que me sinto
Vacilante desmaiar.

Vence amor: dôce ternura'
Tomo a nympba nos meus braços:
Elle aperta os novos laços,
E assegura o triumphar.

Verde cedro, verde arbusto,
Que o meu susto e prazer vistes,
Vamos tristes na memoria
Essa gloria renovar.

Em si mesma se embaraça
A serpente enfurecida;
Ergue o collo e atrevida
Ameaça a terra e o ar.
N'uma pedra rude e feia
Já lhe envia a morte affoita;
Já co'a cauda o tronco açoita,
Morde a areia ao espirar.

Verde cedro, verde arbusto,
Que o meu susto e prazer vistes
Vamos tristes na memoria
Essa historia renovar.

Venturoso e satisfeito,
«— Glaura bella, então dizia,
Vê de amor e de alegria
O meu peito palpitar.»
Ella em mim buscando arrimo,
Cora, e diz inda assu-tada:
«— Esse puro ardor me agrada,
Eu te estimo e te hei de amar.»

Verde cedro, verde arbusto,
Que o meu susto e prazer vistes,
Vamos tristes na memoria
Essa historia renovar.

A PRAIA

Quem por ti de amor desmaia,
N'esta praia geme e chora;
Vem, pastora, por piedade
A saudade consolar.

Não recreiam sempre os montes
Co'as delicias de Amaltheia;
Vem, ó Glaura, a ruiva areia,
Rio e fontes animar.
Nimpha ingrata, não te escondas;
Teme os asperos abrolhos;
E com teus serenos olhos
Vem as ondas acalmar.

Quem por ti de amor desmaia,
N'esta praia geme e chora;
Vem, pastora, por piedade
A saudade consolar.

Mergulhão verás ligeiro,
Como cae precipitado,
E o peixinho prateado
Leva inteiro a devorar.

Vem, cruel, não te detenhas,
Não me roubes a ventura;
Vem, que já com mais brandura
Estas penhas lava o mar.

Quem por ti de amor desmaia,
N'esta praia geme e chora;
Vem, pastora, por piedade
A saudade consolar.

N'um rochedo vi dois ninhos;
Já são teus esses penhores;
E entre conchas, entre flôres
Os pombinhos has de achar.
Murcharam os dons mais bellos
Da suave primavera,
Se não vens, ó dura, ó fêra,
Teus cabellos enlaçar.

Quem por ti de amor desmaia,
N'esta praia gemê e chora;
Vem, pastora, por piedade
A saudade consolar.

Vem a ver este remanso,
Estas arvores sombrias,
Onde, ai triste! ha longos dias,
Não descanso de esperar!
Se o amar-te foi delicto,
E te agrada o meu tormento;
Vem ouvir o meu lamento,
Meu afflicto suspirar.

Quem por ti de amor desmaia,
N'esta praia geme e chora;
Vem, pastora, por piedade
A saudade consolar.

O BEIJAFLOR

Deixo, ó Glaura, a triste l' da
Submergida em dôce calma ;
E a minh'alma ao bem se entrega,
Que lhe nega o teu rigor.

N'este bosque alegre e rindo
Sou amante afortunado ;
E desejo ser mudado
No mais lindo beijafôr.
Todo o corpo n'um instante
Se atenua, exhala e perde :
E' já de ouro, prata e verde
A brilhante e nova côr.

Deixo, ó Glaura, a triste lida
Submergida em dôce calma ;
E a minh'alma ao bem se entrega,
Que lhe nega o teu rigor.

Vejo as pennas e a figura,
Provo as azas, dando giros ;
Acompanham-me os suspiros
E a ternura do pastor.

E n'um vôo feliz ave
Chego intrepido até onde
Riso e perolas esconde
O suave e puro amor.

Deixo, ó Glaura, a triste lida
Submergida em dôce calma ;
E a minh'alma ao bem se entrega,
Que lhe nega o teu rigor.

Tóco o nectar precioso,
Que a mortaes não se permite ;
E' o insulto sem limite,
Mas ditoso o meu ardor ;
Já me chamas atrevido,
Já me prendes no regaço :
Não me assusta o terno laço,
E' fingido o meu temor.

Deixo, ó Glaura, a triste lida
Submergida em dôce calma ;
E a minh'alma ao bem se entrega
Que lhe nega o teu rigor.

Se disfarças os meus erros,
E me soltas por piedade ;
Não estimo a liberdade,
Busco os ferros por favor :
Não me julgues innocente,
Nem abrandes meu castigo :
Que sou barbaro inimigo,
Insolente e roubador.

Deixo, ó Glaura, a triste lida
Submergida em dôce calma ;
E a minh'alma ao bem se entrega,
Que lhe nega o teu rigor.

LEMBRANÇA SAUDOSA

Conservae, musgosas penhas,
N'estas brenhas minha gloria;
E a memoria que inda existe,
Torne um triste a consolar.

Repousavas, Glaura, um dia
N'este leito de verdura,
E esta fonte bella e pura
Mal se ouvia murmurar.
Eu vi zephyro saudoso,
Pelas nymphas conduzido,
Sobre as azas suspendido
Amoroso respirar.

Conservae, musgosas penhas,
N'estas brenhas minha gloria;
E a memoria que inda existe,
Torne um triste a consolar.

Vi mil candidos amores,
E mil risos namorados,
Da mangueira pendurados
Lindas flôres destolhar.

Os hirsutos faunos brancos,
A quem move tal portento,
Reprimindo o tardo alento
Pelos troncos vi trepar.

Conservae, musgosas penhas,
N'estas brenhas minha gloria,
E a memoria que inda existe,
Torne um triste a consolar.

Deu-me o prado florescente
Goivos, murta, rosa e lyrio;
Venho, ó nympha, em meu delirio
Tua frente a coroar.
Sem rumor com susto chego...
Géla o sangue... já não pulsa,
Nem se atreve a mão convulsa
Teu socego a perturbar.

Conservae, musgosas penhas,
N'estas brenhas minha gloria;
E a memoria que inda existe,
Torne um triste a consolar.

De ternura, amor e gôsto
Entre o timido embaraço,
Fiquei mudo longo espaço
No teu rosto a contemplar.
Mas as lagrimas pudéram
Illudir o meu receio,
E cahindo no teu seio
Te fizeram despertar.

Conservae, musgosas penhas,
N'estas brenhas minha gloria;
E a memoria que inda existe,
Torne um triste a consolar.

O BEIJAFLOR

Beijaflôr fui amoroso,
E ditoso já me viste;
Hoje é triste e desgraçado
O sonhado beijaflôr.

Mal toquei, ó Glaura bella
(De prazer eu me confundo).
N'esse cravo rubicundo,
Que ama e zela o mesmo amor.
No teu puro e brando seio
Por castigo me encerravas;
Eu me ria, e tu pensavas
Vêr-me cheio de temor!

Beijaflôr fui amoroso,
E ditoso já me viste;
Hoje é triste e desgraçado
O sonhado beijaflôr.

Minha voz não entendeste;
E querendo vêr-me afflicto,
Por vingança d'um delicto
Me fizeste o bem maior.

A prisão em que me via
Era o templo da ternura,
Onde em braços da ventura
Não temia o teu rigor.

Beijaflôr fui amoroso,
E ditoso já me viste;
Hoje é triste e desgraçado
O sonhado beijaflôr.

Alva mão... eu me entorneço!
Tua mão me arranca as pennas;
A servir-te me condemnas;
E' sem preço o teu favor.
Mas tu foges rigorosa,
E eu não vôo... que martyrio!
Nem procuro o branco lyrio,
Nem da rosa a viva côr.

Beijaflôr fui amoroso,
E ditoso já me viste;
Hoje é triste e desgraçado
O sonhado beijaflôr.

Ir contigo só desejo;
E's cruel... cruel me agradas;
Choro as pennas arrancadas,
E em mim vejo o teu pastor.
Ahl que eu morro de saudade,
E te dizem meus gemidos,
Que os prazeres são fingidos.
E é verdade a minha dôr.

Beijaflôr fui amoroso,
E ditoso já me viste;
Hoje é triste e desgraçado
O sonhado beijaflôr.

O AMANTE INFELIZ

Glaura! Glaura! Não respondes?
E te escondes n'estas brenhas?
Dou ás penhas meu lamento;
O' tormento sem igual!

Ao amor cruel e esquivo
Entreguei minha esperança,
Que me pinta na lembrança
Mais activo o fero mal.
Não verás em peito amante
Coração de mais ternura;
Nem que guarde fé mais pura,
Mais constante e mais leal.

Glaura! Glaura! Não respondes?
E te escondes n'estas brenhas?
Dou ás penhas meu lamento:
O' tormento sem igual!

Se não vens, porque te chamo;
Aqui deixo junto ao rio
Estas perolas n'um fio,
Este ramo de coral.

Entre a murta que se enlaça
Com as flôres mais mimosas,
Acharás purpúreas rosas
N'uma taça de crystal.

Glaura! Glaura! Não respondes?
E te escondes n'estas brenhas?
Dou ás penhas meu lamento;
O' tormento sem equal!

Vejo turvo o claro dia;
Sombra feia me acompanha;
Não encontro na montanha
A alegria natural.
Tanto a mágua me importuna,
Que o viver já me aborrece;
Para um triste, que padece,
E' fortuna o ser mortal.

Glaura! Glaura! não respondes?
E te escondes n'estas brenhas?
Dou ás penhas meu lamento;
O' tormento sem equal!

Onde estou! troveja... o raio...
Foge a luz... os arvoredos...
Abalados os rochedos...
Já desmaio... ó dôr fatal.
Nympha ingrata, esta victoria
Alcançaram teus retiros;
Leva os ultimos suspiros
Por memoria triumphal.

Glaura! Glaura! não respondes?
E te escondes n'estas brenhas?
Dou ás penhas meu lamento;
O' tormento sem equal!

O JASMINEIRO

Venturoso jasmineiro,
 Sobranceiro ao claro rio,
 Já do estio o ardor se accende,
 Ah! defende este logar.

Ache Glaura na frescura
 D'estas penhas encurvadas
 Mollès heras abraçadas
 Com ternura a vegetar.
 Ache mil e mil napéas,
 E inda mais e mais amores,
 Do que mostra o campo flôres,
 Do que areias tem o mar.

Venturoso jasmineiro,
 Sobranceiro ao claro rio,
 Já do estio o ardor se accende,
 Ah! defende este logar.

Branda nympha, que me escutas
 D'esse monte cavernoso,
 Nem o raio luminoso
 N'estas grutas possa entrar.

Has de vêr com dôr e espanto,
Como pallida a tristeza
Dos seixinhos na aspereza
Faz meu pranto congelar,

Venturoso jasmineiro,
Sobranceiro ao claro rio,
Já do estio o ardor se accende,
Ah! defende este logar.

Glaura bella, que resiste
Aos rigores da saudade,
Veja em muda soledade
Somno triste bocejar.
Sobre o musgo em rocha fria
Adormeça ao som das aguas,
E sonhando injustas máguas,
Ch-gue um dia a suspirar.

Venturoso jasmineiro,
Sobranceiro ao claro rio,
Já do estio o ardor se accende,
Ah! defende este logar.

Com seus olhos Glaura inflamme
Os desejos namorados,
Que em abe has transformados,
Novo enxame cubra o ar.
Vinde abelhas amorosas,
Sem temer o meu desgosto,
Dôce nectar no seu rosto
Entre rosas procurar.

Venturoso jasmineiro,
Sobranceiro ao claro rio,
Já do estio o ardor se accende,
Ah! defende este logar.

A N A P É A

PASTOR

Não dou fim a meu tormento,
 Nem o alento se restaura,
 Sem vêr Glaura nos meus braços,
 Onde os laços tece amor.

NAPÉA

Fuja a vã melancholia,
 E da morte a imagem feia ;
 Que piedosa Cytheréa
 Te annuncia o seu favor.
 Jura Venus pelo Estygio,
 Que has de ser entre os pastores
 Mais feliz nos teus amores
 Do que o Phrygio roubador.

PASTOR

Não dou fim a meu tormento
 Nem o alento se restaura,
 Sem vêr Glaura nos meus braços,
 Onde os laços tece amor.

NAPÉA

Dos penedos a dureza
Cede á fonte, que murmura:
Nascerá dôce ternura
Da fereza e do rigor.
Abre a terra vagaroso,
Soffre a calma sem abrigo,
E esperando ceifa o trigo
Venturoso lavrador.

PASTOR

Não dou fim a meu tormento,
Nem o alento se restaura,
Sem vêr Glaura nos meus braços,
Onde os laços tece amor.

NAPÉA

Pouco duram os tributos,
De que o campo faz alarde;
E o que pende e vem mais tarde,
E' dos fructos o melhor.
Não se ateia o vivo fogo,
Nem se nutre em lenho verde:
N'um instante as chammas perde,
Morre logo o seu vigor.

PASTOR

Não dou fim a meu tormento,
Nem o alento se restaura,
Sem vêr Glaura nos meus braços,
Onde os laços tece amor.

NAPÉA

Ella já te corresponde
Em segredo carinhosa;
Mas prudente e receosa
N'alma esconde o puro ardor.

Triste e só teu nome beija
N'esta gruta, que a convida ;
Chora e geme, e enternecida
Vér deseja o seu pastor.

PASTOR

Já dou fim a meu tormento,
Já o alento se restaura :
Vem, ó Glaura, que em meus braços
Firmes laços tece amor.

XIII

A P O M B A

POMBO

Bella pomba, os dias crescem.
Apparecem já mil flôres,
E os penhores vêr espero
Do sincero nosso amor.

PASTOR

O' feliz enamorado,
Como és livre da desgraça!
D'hora em hora mais te enlaça
Dôce agrado e novo ardor.
A consorte (que ventura!)
Acompanhas meigo e rico;
Que ás palhinhas no teu bico
A ternura dá valor.

POMBO

Bella pomba, os dias crescem
Apparecem já mil flôres,
E os penhores vêr espero
Do sincero nosso amor.

PASTOR

Preciosa lealdade
Sem repudios, sem queixumes,
Sem desgostos nem ciumes,
Nem saudade, nem temor!
A fortuna te proteja,
Apartando os tristes luctos:
Teus implumes tenros fructos
Nunca veja o caçador.

POMBO

Cara pomba, os dias crescem,
Apparecem já mil flôres,
E os penhores vér espero
Do sincero nosso amor.

PASTOR

Na mangueira fazem ninho:
Vés, ó Glaura, lá voltaram;
Firam juntos, e pousaram
No raminho superior.
Elles tornam: par ditoso!
Dize, ó nympha; não te agrada
Vér a pomba acompanhada
Do amoroso rolador?

POMBO

Bella pomba, os dias crescem,
Apparecem já mil flôres,
E os penhores vér espero
Do sincero nosso amor.

PASTOR

Innocente idade antiga,
Tu fugiste dos humanos,
E deixaste a mágua, os damnos,
E a fadiga e o rigor!

Ah! se o céu te convertéra,
Nympha ingrata, em pomba amante;
Eu... que gosto! um só instante
Não quizera ser pastor.

POMBO

Cara pomba, os dias crescem,
Apparecem já mil flôres,
E os penhores vêr espero
Do sincero nosso amor.

O AMOR ARMADO

Gira amor feroz e armado
N'este prado e valle e serra :
Tudo é guerra, e com seus tiros
Mil suspiros já causou.

Entre miseras affrontas
Pendurou n'um tronco a aljava;
Pois das settas, que estimava,
Glaura as pontas lhe quebrou.
Por vingar-se d'esta injuria
Triste emprega ferro e fogo;
Mas ao vér-me o impio logo
Mágua e furia disfarçou.

Gira amor feroz e armado
N'este prado e valle e serra :
Tudo é guerra, e com seus tiros
Mil suspiros já causou.

Meu soccorro e meu desenho
Brando pede, e humilde approva :
Com vaidade em setta nova
Meu empenho se esmerou.

Tinha a ponta aguda e forte,
E tres farpas bem polidas,
Negras pennas embutidas,
De que a morte se assustou.

Gira amor feroz e armado
N'este prado e valle e serra :
Tudo é guerra, e com seus tiros
Mil suspiros já causou.

Dei-lhe o aço luminoso,
E o traidor louvar-me finge :
Em cruel peçonha o tinge,
E aleivoso assim falou :
«Fico alegre e satisfeito...
Oh que setta l vé se é boa :»
Curva o arco, a setta vôa,
E o meu peito traspassou.

Gira amor feroz e armado
N'este prado e valle e serra :
Tudo é guerra, e com seus tiros
Mil suspiros já causou.

Em tormentos e pesares
Exclamei, quando cahia :
«Glaura... Amor...» o amor se ria,
E dos ares me bradou :
«O Vesuvio não se apaga :
Ser ditoso mereceste :
Do farpão, que me fizeste,
Leva a paga, que te dou.»

Gira amor feroz e armado
N'este prado e valle e serra :
Tudo é guerra, e com seus tiros
Mil suspiros já causou.

O RETRATO

Tem, ó Glaura, o teu retrato
Peito ingrato e lindo rôsto,
Que por gôsto amor espera
Em Cythêra eternizar.

Só adorna os teus cabellos
Verde fita, em que os enlaças;
E o jasmim, que as puras graças
Com desvelos vão buscar.
Na alva testa entre a alegria,
E a feliz serenidade,
Não diviso a crueldade,
Que porfia em maltratar.

Tem, ó Glaura, o teu retrato
Peito ingrato e lindo rôsto,
Que por gôsto amor espera
Em Cythêra eternizar.

Os teus olhos... Ah! não pinto...
Os teus olhos tudo rendem:
Da ternura o fogo accendem,
E me sinto desmaiar.

Tua face delicada
E' mais bella do que a rosa,
Quando a purpura mimosa
Orvalhada expõe ao ar.

Tem, ó Glaura, o teu retrato
Peito ingrato e lindo rosto,
Que por gôsto amor espera
Em Cythéra eternizar.

Dôce o riso não encobre
Mil agrados innocentes :
Mostra as perolas luzentes,
Que descobre o respirar.
Não se apartam do teu seio
Dois amores pequeninos,
Tão crueis e tão ferinos,
Que receio de os pintar.

Tem, ó Glaura, o teu retrato
Peito ingrato e lindo rôsto,
Que por gôsto amor espera
Em Cythera eternizar.

Tristes e asperos rigores
Na tua alma se esconderam,
E implacaveis prometteram
Minhas dôres augmentar.
Tudo o mais é formosura.
São bellezas, que não vejo :
E nem pode o meu desejo
Na pintura debuxar.

Tem, ó Glaura, o teu retrato
Peito ingrato e lindo rôsto,
Que por gôsto amor espera
Em Cythéra eternizar.

A CINTA DE VENUS

Cae a cinta a Venus bella,
Sem cautela recostada ;
E turbada entre os pesares
Pede aos mares que lh'a dêm.

O thesouro se procura,
Os desejos se interessam,
Os cuidados já se apressam,
E a ternura vae tambem.
Empenhou-se, ó Glaura, o zêlo ;
Mas em vão : que perda triste !
Só eu vi, sei onde existe ;
E dizel-o não convem.

Cae a cinta a Venus bella,
Sem cautela recostada ;
E turbada entre os pesares
Pede aos mares que lh'a dêm

Roubador do puro ornato
Foi Anthero e foi Cupido ;
E o levaram escondido
Com recato, eu sei a quem.

Receosos pelo insulto,
Que traidores commetteram,
No teu seio se acolheram,
Onde occulto asylo tem.

Cae a cinta a Venus bella,
Sem cautela recostada;
E turbada entre os pesares
Pede aos mares que lh'a dêm.

Dos meus olhos não se escondem
Os meninos a quem amo:
Se os procuro, espreito e chamo,
Correspondem, mas não vêm.
Com acênos expressivos
De alegria suspeitosa
Mostram faxa preciosa,
Que attractivos nil contém.

Cae a cinta a Venus bella,
Sem cautela recostada;
E turbada entre os pesares
Pede aos mares que lh'a dêm.

Se piedade afflicto rogo,
E que cessem teus rigores,
Ah crueis, lindos amores!
Fogem logo e com desdem.
Abrandal-os não consigo,
E já d'elles tenho medo:
Guarda, nympha, este segredo,
Que não digo a mais ninguem.

Cae a cinta a Venus bella,
Sem cautela recostada;
E turbada entre os pesares
Pede aos mares que lh'a dêm.

DORIS E GALATHÉA

Glaura bella, o sol desmaia ;
 Esta praia te convida :
 Vem dar vida ao desgraçado,
 Já cançado de chorar.

Ouço ao longe o instrumento,
 Que Tritão nadando embocca :
 Verde carro as penhas toca,
 Dorme o vento, e dorme o mar.
 D'alvos peixes o cardume
 Acompanha venturoso,
 E o delfim terno e piedoso,
 Que pre-zume enamorar.

Glaura bella, o sol desmaia :
 Esta praia te convida :
 Vem dar vida ao desgraçado,
 Já cançado de chorar.

Doris vejo, e Galathéa,
 Que por ti de amor se inflammam ;
 Glaura esperam, Glaura chamam
 Sobre a areia a suspirar ;

D'estes valles só responde
Com voz terna e lagrimosa
Nympha triste, em vão saudosa,
Que se esconde e muda em ar.

Glaura bella, o sol de maia :
Esta praia te convida :
Vem dar vida ao desgraçado,
Já cançado de chorar.

Se te alegra a fonte pura
No rigor do estio ardente,
D'esta placida corrente
A frescura vem gosar ;
Ouvirás os arvoredos,
De meu pranto condoidos,
Repetir os meus gemidos,
E os rochedos abrandar.

Glaura bella, o sol desmaia :
Esta praia te convida :
Vem dar vida ao desgraçado,
Já cançado de chorar.

Onde estás ? Vê que os amores
Já nas aguas apparecem,
E entre pérolas te offerecem
Meus ardores, meu pesar ;
Ah ! tu vens . . . quanto é modesto
Teu prazer, teu lindo róstol
Ai de mim ! o falso gô:to !
O' funesto delirar !

Glaura bella, o sol desmaia :
Esta praia te convida :
Vem dar vida ao desgraçado
Já cançado de chorar.

XVIII

A AURORA

Vem, o nympha suspirada,
Engraçada e rubicunda,
Da fecunda natureza
A belleza a contemplar.

Longas azas sacudindo,
Foge a noite escura e fria;
Que sereno o claro dia
Surge rindo e deixa o mar:
De Tritão a terna esposa
Veste os céos co'as lindas côres
E o seu pranto sobre as flôres
Quer saudosa derramar.

Vem, ó nympha suspirada,
Engraçada e rubicunda,
Da fecunda natureza
A belleza a contemplar.

Rôxa nuvem circulando
Pouco a pouco se illumina;
A purpúrea e crystallina
Fluctuando não tem par:

Esta fava longa e verde
Muda a cor de instante a instante :
Esta azul é mais constante,
E não perde o seu brilhar.

Vem, ó nympha suspirada,
Engraçada e rubicunda,
Da fecunda natureza
A belleza a contemplar.

Cresce a luz pelo horisonte,
Abre o sol o seu thesouro ;
E movendo o carro de ouro,
Já Ethonte inflamma o ar.
Puro globo refulgente,
Que veloz se aparta e gira,
Vejo em campo de saphira
Transparente scintillar.

Vem, ó nympha suspirada,
Engraçada e rubicunda,
Da fecunda natureza
A belleza a contemplar.

Admirando o rico adorno
Do aprazivel firmamento,
Tréguas dei a meu tormento,
Mas já torno a delirar.
Assim, Glaura, me desvio
Do meu mal, quando appareces,
E mimosa à fonte descés
Para o rio enamorar.

Vem, ó nympha suspirada,
Engraçada e rubicunda,
Da fecunda natureza
A belleza a contemplar.

O MEIO DIA

Glaura, as nymphas te chamaram,
E buscaram dôce abrigo :
Vem commigo, e n'esta gruta
Branda escuta o meu amor.

Treme agora o ar extenso
Pela esphera crystallina ;
Que os seus raios não declina
Esse immenso resplendor.
Busca o touro fatigado
Frias sombras, verde relva :
Co'a cigarra zune a selva,
Foge o gado e o pastor.

Glaura, as nymphas te chamaram,
E buscaram dôce abrigo :
Vem commigo, e n'esta gruta
Branda escuta o meu amor.

Ferve a areia d'esta praia,
Arde o musgo no rochedo,
Esmorece o arvoredado,
E desmaia a tenra flôr :

Todo o campo se desgosta,
 Tudo... ah! tudo a calma sente:
 Só a gélida serpente
 Dorme exposta ao vivo ar-lor.

Glaura, as nymphas te chamaram,
 E buscaram dôce abrigo:
 Vem commigo, e n'esta gruta
 Branda escuta o meu amor.

Vés a plebe namorada
 De volantes borboletas?
 Loiras são, e azues e pretas,
 De mesclada e vária côr.
 Aquella ave enternecida,
 Que cantou ao vêr a aurora,
 Abre as azas, geme agora
 Opprimida do calor.

Glaura, as nymphas te chamaram,
 E buscaram dôce abrigo:
 Vem commigo, e n'esta gruta
 Branda escuta o meu amor.

Fonte aqui não se despenha
 Com ruido que entristece:
 Gôtta a gôtta a lympha desce,
 Lava a penha sem rumor.
 Aqui vive preciosa
 Escondida amenidade,
 O segredo e a saudade
 E a chorosa minha dôr.

Glaura, as nymphas te chamaram,
 E buscaram dôce abrigo:
 Vem commigo, e n'esta gruta
 Branda escuta o meu amor.

A TARDE

Já serena desce a tarde,
Já não arde o sol formoso :
Vem saudoso o brando vento
Dôce alento respirar.

Pelos fins d'aquelle monte
Vejo, ó nympha, luzes bellas
Entre purpura amarellas
No hori-onte fluctuar.
Que gigante os céos adorna
Com chuveiros de ouro e prata!
Sobe e cresce e se desata
E se torna todo em ar !

Já serena desce a tarde,
Já não arde o sol formoso :
Vem saudoso o brando vento
Dôce alento respirar.

Surge allí vistosa serra
De mil vários esplendores,
A quem Iris deu as côres
Para a terra enamorar.

Nuvens claras e redondas
Deixa Phebo acelerado,
Que o semblante avermelhado
Sobre as ondas vai banhar.

Já serena desce a tarde,
Já não arde o sol formoso :
Vem saudoso o brando vento
Dôce alento respirar.

Pouco a pouco a luz desmaia;
Mas não cede á noite feia:
Inda vejo a sôlta areia
N e ta praia branquejar.
Cordeirinhos mantêidos
Traz pastora diligente:
Elles brincam frente a frente,
Vem felpudos a saltar.

Já serena desce a tarde,
Já não arde o sol formoso:
Vem saudoso o brando vento
Dôce alento respirar.

Como chora enternecida
Triste flautal ó bella, escuta. . .
Lá repete ao longe a gruta,
E convida a suspirar.
Ai de mim! teu peito ingrato
Não conhece o que é suspiro,
E eu por ti de amor espiro,
E só trato de te amar!

Já serena desce a tarde,
Já não arde o sol formoso :
Vem saudoso o brando vento
Dôce alento respirar.

A NOITE

Ouve, ó Glaura, o som da lyra,
Que suspira lagrimo a,
Amorosa em noite escura,
Sem ventura, nem prazer.

Já cahiu do opposto monte
Sombra espessa n'estes valles;
Ouço aos échos de meus males
Esta fonte responder.
São eguaes a praia, a serra :
D'uma côr o bosque, o prado :
Triste o ar, leio. entuctado
Vem a terra escurecer.

Ouve, ó Glaura, o som da lyra.
Que suspira lagrimosa.
Amorosa em noite escura
Sem ventura, nem prazer

Melancholico agoureiro
Solta a voz mocho faminto,
E o vampir de sangue tinto,
Que é ligeiro em se esconder

Vôa a densa escuridade,
O silencio, horror e espanto :
E as correntes do meu pranto
A saudade faz verter.

Ouve, ó Glaura, o som da lyra.
Que suspira lagrimosa,
Amorosa em noite escura,
Sem ventura, nem prazer.

Tem a noite surda e féra
Carro de ébano polido :
Move o sceptro denegrido,
Toda a esphera vê tremer.
Forma o tímido desgosto
Mil imagens da tristeza,
Que assustada a natureza
Volta o rôsto por não vêr.

Ouve, ó Glaura, o som da lyra,
Que suspira lagrimosa,
Amorosa em noite escura,
Sem ventura, nem prazer.

Ao ruido d'estas aguas
Vinde, ó sonhos voadores,
De Morpheu co'as tenras flôres
Minhas máguas suspender.
Mas se amor allivios nega,
Quando o peito mais inflamma :
Só aquelle, que não ama,
E' que chega a adormecer.

Ouve, ó Glaura, o som da lyra,
Que suspira lagrimosa,
Amorosa em noite escura,
Sem ventura, nem prazer.

OS AMORES PERDIDOS

Louco amante e sem ventura,
De ternura suspirando,
Vou buscando entre estas flôres
Os amores que perdi.

Não me engana o meu receio :
Tu, ó nympha, os occultaste,
Ou no seio os afogaste,
No teu seio, onde eu os vi.
Ah cruel! tua fereza
Rigorosa os opprimia :
Meu prazer desde esse dia
Em tristeza converti.

Louco amante e sem ventura,
De ternura suspirando,
Vou buscando entre estas flôres
Os amores que perdi.

Com temor e com saudade
Se escondiam ... que tormento!
Fui sensível ao lamento ;
Por piedade os recolhi.

Rôxa fêlpa mal mostravam
Suas azas inda implumes:
Justos eram seus queixumes,
E choravam só por ti.

Louco amante e sem ventura,
De ternura suspirando,
Vou buscando entre estas flôres
Os amores que perdi.

Nem co'a vista d'estes valles
Ao surgir purpúrea aurora,
Nem c'os dons da alegre Flora
Os seus males diverti.
Ao correr das frias aguas
Por costume os ais escuto,
Ai de mim! qual foi o fructo
Dessas máguas que soffri?

Louco amante e sem ventura,
De ternura suspirando,
Vou buscando entre estas flôres
Os amores que perdi.

No meu peito já crescidos
Uma tarde repousaram:
Suas lagrimas cessaram,
E os gemidos não senti.
Foi então, ó Glaura bella,
Foi então que me lugiram:
Eu clamei e não me ouviram!
Ímpia estrella em que nasci!

Louco amante e sem ventura,
De ternura suspirando,
Vou buscando entre estas flôres
Os amores que perdi.

O AMANTE SAUDOSO

Linda Glaura, os arvoredos
E os rochedos que já viste,
Tudo é triste e tudo sente
Meu ardente suspirar.

Quando os risos e os amores
Apparecem nos teus olhos,
Até d'asperos abrolhos
Vejo flôres rebentar.
Mas se deixas este prado,
Ai de mim! crueis pesares!
Sinto escuro o céu e os ares
E enluctado o bosque e o mar.

Linda Glaura, os arvoredos
E os rochedos que já viste,
Tudo é triste e tudo sente
Meu ardente suspirar.

Não te alegra a curva praia,
Quando o sol já se retira?
Não te move o som da lyra
Que desmaia de chorar?

De que nasce o teu desgosto?
Ah! permite que te vejam
Estes campos, que desejam
O teu rôsto enamorar.

Linda Glaura, os arvoredos
E os rochedos que já viste,
Tudo é triste e tudo sente
Meu ardente suspirar.

No declivio d'este monte,
Murmurando á sombra fria,
Da soberba penedia
Clara fonte desce ao mar.
N'essa gruta deleitosa
Dôce zephyro te espera,
E a suave primavera
Cuidadosa em te agradar.

Linda Glaura, os arvoredos
E os rochedos que já viste,
Tudo é triste e tudo sente
Meu ardente suspirar.

D'estes valles fuge a calma
No rigor do féro estio :
Torna, ó bella, torna ao rio,
Vem minha alma consolar.
E eu verei, oh que ventura!
N'este placido remanso
Os prazeres e o descanso
E a ternura triumphar.

Linda Glaura, os arvoredos
E os rochedos que já viste,
Tudo é triste e tudo sente
Meu ardente suspirar.

O PRAZER

Sobre o feno recostado,
Descançado afino a lyra,
Que respira com ternura
Na doçura do prazer.

Amo a simples natureza:
Busquem outros a vaidade
Nos tumultos da cidade,
Na riqueza e no poder;
D'esse pélagos furioso
Não me assustam os perigos,
Nem dos ventos inimigos
O raivoso combater.

Sobre o feno recostado,
Descançado afino a lyra,
Que respira com ternura
Na doçura do prazer.

Pouca terra cultivada
Me agradece com seus fructos;
Mas os olhos tenho enxutos,
Quanto agrada assim viver!

O meu peito só deseja
Dôce paz n'este retiro;
Por delicias não suspiro,
Onde a inveja faz tremer.

Sobre o feno recostado,
Descançado afino a lyra,
Que respira com ternura
Na doçura do prazer.

Pelas sombras venturosas
De fecundos arvoredos
Ouve Glaura os meus segredos,
Quando rosas vae colher.
Já o amor com ferro duro
Não me assalta, nem me offende:
Já suave o fogo accende,
E mais puro o sinto arder.

Sobre o feno recostado,
Descançado afino a lyra,
Que respira com ternura
Na doçura do prazer.

Entre as graças e os amores
Canto o sol e a primavera,
Que risonha vem da esphera
Tudo em flôres converter.
A innocencia me acompanha;
Oh que bem! oh que thesouros!
Vejo alegre os dias de ouro
Na montanha renascer.

Sobre o feno recostado,
Descançado afino a lyra,
Que respira com ternura
Na doçura do prazer.

A ALEGRIA

Sem o amor, ó Glaura, tudo
 Era mudo e triste e feio;
 Tudo cheio de alegria
 N'este dia o vê tornar.

Vem contigo a formosura
 E as delicias d'este monte:
 Dá valor ao prado, á fonte,
 A ventura de te amar.
 N'outro tempo a esteril serra
 Teve a côr das minhas máguas;
 Hoje brilha o sol nas aguas,
 Ri-se a terra, o céo e o mar.

Sem o amor, ó Glaura, tudo
 Era mudo e triste e feio;
 Tudo cheio de alegria
 N'este dia o vê tornar.

Rude fauno, que se esconde,
 E de amor a voz escuta,
 Dobra os échos n'esta gruta,
 E responde a suspirar.

Quanto agrada ouvir d'esta ave
O gorgeio harmonioso,
E do zephyro amoroso
O suave respirar!

Sem o amor, ó Glaura, tudo
Era mudo e triste e feio;
Tudo cheio de alegria
N'este dia o vê tornar.

Coroada de mil flôres,
Mostra a linda Cytheréa
Alvo pé na ruiva areia,
Que os amores vem beijar.
D'esta rocha curva e alta
Pela tarde com descanço
Vejo, ó nympha, no remanso
Como salta o peixe ao ar!

Sem o amor, ó Glaura, tudo
Era mudo e triste e feio;
Tudo cheio de alegria
N'este dia o vê tornar.

Desitando as tranças de ouro
Surgirá brilhante a aurora,
Para vêr a bella Flora
Seu thesouro derramar.
Ah! não fujas d'estes prados,
Onde amor ha de seguir-te;
Mas não tenho que pedir-te,
Nem os fados mais que dar.

Sem o amor, ó Glaura, tudo
Era mudo e triste e feio;
Tudo cheio de alegria
N'este dia o vê tornar.

O AMANTE SATISFEITO

Canto alegre n'esta gruta,
E me escuta o valle e o monte :
Se na fonte Glaura vejo,
Não desejo mais prazer.

Este rio socegado,
Que das margens se enamora,
Vê co'as lagrimas da aurora
Bosque e prado florescer.
Puro zephyro amoroso
Abre as azas lisonjeiras,
E entre as folhas das mangueiras
Vae saudoso adormecer.

Canto alegre n'esta gruta,
E me escuta o valle e o monte :
Se na fonte Glaura vejo,
Não desejo mais prazer.

Novos sons o fauno ouvindo,
Destro move o pé felpudo :
Cauteloso, agreste e mudo
Vem sahindo por me vêr.

Quanto vale uma capella
De jasmims, lirios e rosas,
Que co'as dryades mimosas
Glaura bella foi colher!

Canto alegre n'esta gruta,
E me escuta o valle e o monte :
Se na fonte Glaura vejo,
Não desejo mais prazer.

Receou tristes a'ouros
A innocencia abandonada ;
E aqui veio retirada
Seus thesouros esconder.
O mortal, que em si não cabe,
Busque a paz de clima em clima :
Que os seus dons no campo estima
Quem os sabe conhecer.

Canto alegre n'esta gruta,
E me escuta o valle e o monte :
Se na fonte Glaura vejo,
Não desejo mais prazer.

Os metaes adore o mundo ;
Ame as pedras, com que sonha,
Do feliz Jequetinhonha,
Que em seu fundo as viu nascer.
Eu contente n'estas brenhas ;
Amo Glaura e amo a iyra,
Onde terno amor suspira,
Que estas penhas faz gemer.

Canto alegre n'esta gruta,
E me escuta o valle e o monte :
Se na fonte Glaura vejo,
Não desejo mais prazer.

XXVII

GLAURA DORMINDO

Voae, zephyros mimosos,
Vagarosos com caute a ;
Glaura bella está dormindo ;
Quanto é lindo o meu amor!

Mais me elevam sobre o feno
Suas faces encarnadas,
Do que as rosas orvalhadas
Ao pequeno beijafôr.
O descanso, a paz contente
Só respiram n'estes montes :
Sombras, penhas, troncos, fontes,
Tudo sente um puro ardor.

Voae, zephyros mimosos,
Vagarosos com cautela ;
Glaura bella está dormindo ;
Quanto é lindo o meu amor!

O silencio, que nem ousa
Bocejar e só me escuta,
Mal se move n'esta gruta,
E repousa sem rumor.

Leve somno, por piedade,
Ah derrama em tuas flôres
O pesar, a mágua, as dôres,
E a saudade do pastor!

Voae, zephyros mimosos,
Vagarosos com cautela;
Glaura bella está dormindo;
Quanto é lindo o meu amor!

Se nos mares apparece
Venus tern e melindrosa,
Glaura, Glaura mais formosa
Lhe escurece o seu valor.
No vestido azul e nobre
E' sem ouro e sem diamante,
Qual a filha de Thaumante,
Que se cobre de esplendor.

Voae, zephyros mimosos,
Vagarosos com cautela;
Glaura bella está dormindo;
Quanto é lindo o meu amor!

E' suave o seu agrado
A meus olhos nunca enxutos,
Como são os dôces fructos
Ao cansado lavrador.
Mas bem longe da ventura
A's mudanças vivo affeito,
Encontrando no teu peito
Já brandura e já rigor!

Voae, zephyros mimosos,
Vagarosos com cautela;
Glaura bella está dormindo;
Quanto é lindo o meu amor!

XXVIII

DEZEMBRO

Já dezembro mais calmoso .
Preguiçoso o giro inclina :
Illumina o céu rotundo,
Quer o mundo incendiar.

Vem, pastora ; aqui te esperam
Os prazeres d'este rio ;
Onde o sol e o sêcco estio
Não puderam penetrar.
Nuas graças te preparam
A conchinha transparente,
O coral rubro e luzente,
Que buscaram sobre o mar.

Já dezembro mais calmoso
Preguiçoso o giro inclina :
Illumina o céu rotundo,
Quer o mundo incendiar.

Entre os mimos e a frescura,
Entre as sombras e entre as aguas,
Do pastor as tristes máguas,
E a ternura has de encontrar.

Pelo golfo curvo e largo
Apparece a deusa bella :
Ora a vaga se encapella,
Ora o pargo surge ao ar.

Já dezembro mais calmoso
Preguiçoso o giro inc'lina :
Illumina o céo rotundo,
Quer o mundo incendiar.

De me ouvir ao som d'esta aura,
Que meneia os arvoredos,
Apprenderam os rochedos
«Glaura, Glaura!» a suspirar.
Oh! que dôce amenidade !
Louras dryades se ajuntam :
Por teus olhos me perguntam
Com saudade e sem cessar.

Já dezembro mais calmoso
Preguiçoso o giro inclina :
Illumina o céo rotundo,
Quer o mundo incendiar.

Ah cruel ! porque não vamos
Colher mangas preciosas,
Que promettem venturosas
Os seus ramos encurvar ?
Se no abrigo d'estes prados
Não achares lindas flôres,
Acharás os meus amores
Desgraçados a chorar.

Já dezembro mais calmoso,
Preguiçoso o giro inclina :
Illumina o céo rotundo,
Quer o mundo incendiar.

AMOR MUDADO EM ABELHA

Tem o amor mil passadores
Entre as flôres d'este prado,
E mudado em leve abelha,
Se appare ha e já voou.

Implacavel não descança,
E eu, ó nympha, hem receio,
Que elle empregue no teu seio
A vingança que jurou.
Sae do nectar d'uma rosa...
Ah! que abelha tão terina!
Mal a vejo, e pequenina,
E raivosa me picou.

Tem o amor mil passadores
Entre as flôres d'este prado,
E mudado em leve abelha,
Se apparelha e já voou.

Não ha dôr que mais inflamme :
Infeliz! que em vivo fogo
Esmaguei a abelha, e logo
N'um enxame se tornou!

Fui crivado de seus tiros :
Vi turbar-se o céu sereno ;
E o mortifero veneno
Em suspiros me afogou.

Tem o amor mil passadores
Entre as flôres d'este prado,
E mudado em leve abelha
Se apparelha e já voou.

Ai de mim, que desventura!
Que cruel melancholia!
Foge a paz, foge a alegria,
Que amarguras me deixou!
Solitario e pensativo,
Esmoreço n'estes valles ;
E o auctor de tantos males
Vingativo se alegrou !

Tem o amor mil passadores
Entre as flôres d'este prado,
E mudado em leve abelha
Se apparelha e já voou.

Linda Glaura, não duvides
Que o meu peito afflicto sente
Do centauro o sangue ardente.
Com que Alcides se abrazou.
Sem cessar na intensa fragoa
Cresce o misero desgôsto :
So ao vêr teu bello rôsto
Minha mágua se abrandou.

Tem o amor mil passadores,
Entre as flôres d'este prado
E mudado em leve abelha
Se apparelha e já voou.

O DESEJO

Meu desejo esconde o rosto
Por desgosto, a que o condemnas :
Ah! que as pennas lhe arrancaste
E o lançaste, ó Glaura, ao mar !

Os delfins compadecidos
Lhe dão vida n'estas aguas :
Doris ouve os ais e as máguas,
E os gemidos com pesar.
Hamadryades se apressam,
E nos braços o tomaram ;
Flora e zephyro o levaram,
E não cessam de chora".

Meu desejo esconde o rosto
Por desgosto a que o condemnas :
Ah! que as pennas lhe arrancaste
E o lançaste, ó Glaura, ao mar !

Que te fez esse innocente
Em colher cheirosas flôres,
Companheiro dos amores
Diligente no agradar ?

Dos teus olhos namorado,
E ludibrio da ventura,
Vinha amante, que ternura!
N'este prado suspirar.

Meu desejo esconde o rôsto
Por desgôsto, a que o condemnas:
Ah! que as pennas lhe arrancaste
E o lançaste, ó Glaura, ao mar!

Mil e mil de amor deliram
E se elevam sem limite,
Mais que as aves de Amphitrite.
Quando giram sobre o ar.
Só o afflicto em vão sacode,
Abre em vão as azas suas:
Abre e mostra, que estão nuas,
Que não pode assim voar.

Meu desejo esconde o rôsto
Por desgôsto, a que o condemnas:
Ah! que as pennas lhe arrancaste
E o lançaste, ó Glaura, ao mar!

Já o opprimem do teu peito
Os rigores sempre injustos:
Já se entrega á dôr, aos sustos
Satsfeito de te amar.
O infeliz não mais consumas:
Ache o riso em teu regaço;
E o verás n'um breve espaço
Lindas plumas renovar.

Meu desejo esconde o rôsto
Por desgôsto, a que o condemnas:
Ah! que as pennas lhe arrancaste
E o lançaste, ó Glaura, ao mar!

OS CANTOS AMOROSOS

Para ouvir cantar de amores
Os pastores me buscaram;
Convidaram nymphas bellas;
Glaura entre ellas me animou.

A alegria vi nos ares
E no bosque florecente:
Cantei de Hero o amor ardente
Quando aos mares se arrojou.
Ella vê nas tristes aguas
O Abideno, ó céos, conforto!
Que afogado junto ao porto
Duras máguas excitou.

Para ouvir cantar de amores
Os pastores me buscaram;
Convidaram nymphas bellas;
Glaura entre ellas me animou.

Cantei Thisbe delirante,
Que ao punhal entrega a vida:
A alma sae pela ferida,
E ao amante acompanhou.

Morreu Pyramo enganado,
E com elle a esposa morre:
O seu sangue uuido corre,
E no prado congelou.

Para ouvir cantar de amores
Os pastores me buscaram;
Convidaram nymphas bellas;
Glaura entre ellas me animou.

Cantei Dido, que suspira
Ao mover-se o mar e o vento:
E o seu barbaro tormento
Logo em ira se mudou.
Só deseja o mortal damno
Infeliz e abandonada:
Abre o peito aguda espada,
Que o troyano lhe deixou.

Para ouvir cantar de amores
Os pastores me buscaram;
Convidaram nymphas bellas;
Glaura. entre ellas me animou.

Cantei Glaura melindrosa,
Dôce agrado e formosura;
Que no seio da ternura
Venturosa triumphou.
Tudo applaude: e co'a leve aura
O favonio lisonjeiro
De boninas um chuveiro
Sobre Glaura derramou.

Para ouvir cautar de amores
Os pastores me buscaram;
Convidaram nymphas bellas;
Glaura entre ellas me animou.

ECHO

Flebil echo d'estas grutas,
Que me escutas rouco e triste,
Onde viste a bella Glaura
Feliz aura respirar ?

Sobre as penhas, sobre os valles
Enviei ternos suspiros :
E dos asperos retiros
Só meus males vi tornar.
Os suspiros lá morreram
Lagrimosos e cançados;
E a pastora, ai desgraçados!
Não puderam encontrar.

Flebil echo d'estas grutas,
Que me escutas rouco e triste,
Onde viste a linda Glaura
Feliz aura respirar ?

Perguntei ao claro rio
Nos incultos arvoredos ;
Respondeu-me entre os rochedos
O sombrio murmurar.

Acho a praia sem adorno :
E pergunto ás tenras flôres,
Ninguem viu os meus amores,
E inda torno a perguntar.

Flebil echo d'estas grutas,
Que me escutas rouco e triste,
Onde viste a bella Glaura
Feliz aura respirar ?

Pelo bosque se espalharam
Minhas queixas amorosas :
E co'as dryades saudosas
Começaram a chorar.
Nem o campo me contenta,
Nem os zephyros suaves :
Busco em vão as brandas aves,
Que afugenta o meu pesar.

Flebil echo d'estas grutas,
Que me escutas rouco e triste
Onde viste a linda Glaura
Feliz aura respirar ?

Duro amor, ingrato e lero,
Que me opprimes noite e dia,
Se me levas a alegria,
Não espero mais gosar.
Verdes prados, pura fonte,
Tudo, ó Glaura, desprezaste :
Glaura! ah Glaura! E me deixaste
N'este monte a delirar!

Flebil echo d'estas grutas,
Que me escutas rouco e triste.
Onde viste a linda Gaura
Feliz aura respirar.

O CAJUEIRO

Vem, ó nympha, ao cajueiro,
Que no outeiro desprezamos;
Que em seus ramos tortuosos
Amorosos fructos dá.

Se desejas a frescura,
O seu tronco te convida,
E entre as folhas escondida
Aura pura e dôce está.
Inda a mão do estio ardente
Não crestou no campo as flôres:
Vem, que a deusa dos amores
Tua frente adornará.

Vem, ó nympha, ao cajueiro,
Que no outeiro desprezamos,
Que em seus ramos tortuosos
Amorosos fructos dá.

Lá ch rando e namorada
Hamadryade te acena:
Sem soccorro em sua pena
Desmaiada Lcará.

Vem, consola por piedade
Os seus miseros gemidos,
E os seus ais, que enternecidos
De saudade morrem já.

Vem, ó nympha, ao cajueiro,
Que no outeiro desprezamos,
Que em seus ramos tortuosos
Amorosos fructos dá.

N'elle viu feliz minha alma
Triumphar o amor e a gloria;
E em signal d'esta victoria
Verde palma crescerá.
Vôa triste o meu martyrio,
E de longe turba os ares:
Semei cruéis pesares
Rôxo lyrio nascerá.

Vem, ó nympha, ao cajueiro,
Que no outeiro desprezamos,
Que em seus ramos tortuosos
Amorosos fructos dá.

Vem tecer uma capella
Ao amor que nos inspira;
E na voz da curva lyra
«Glaura!» bella soará.
Vês o amor e não o entendes?
Tem occulto alli seu ninho;
E te diz que é passarinho;
Se o não prendes, voará.

Vem, ó nympha, ao cajueiro,
Que no outeiro desprezamos,
Que em seus ramos tortuosos
Amorosos fructos dá.

XXXIV

AMOR IRADO

AMOR

Pela glória a que aspiraste
Desprezaste os meus thesouros :
De teus louros adornado,
Desgraçado, vae chorar.

PASTOR

Dôce amor, benigno escuta
Por piedade as minhas queixas,
Terno amor ! E assim me deixas
N'esta gruta a suspirar ?
Ah ! concede os teus favores !
Muda em riso o enfado, a ira ;
Que eu prometto a branda lyra
Aos amores dedicar.

AMOR

Pela gloria a que aspiraste
Desprezaste os meus thesouros :
De teus iouros adornado,
Desgraçado, vae chorar.

PASTOR

D'esta fonte as puras aguas
 Já correram deleitosas;
 Hoje tristes vem saudosas
 Minhas máguas augmentar.
 Com meus ais e meus lamentos
 Todo o campo degenera,
 E nem pode a primavera
 Meus tormentos consolar.

AMOR

Pela gloria a que aspiraste
 Desprezaste os meus thesouros:
 De teus louros adornado,
 Desgraçado, vae chorar.

PASTOR

Não quebrei farpões agudos
 Da sonora tua aljava:
 Teu poder que eu respeitava,
 Via em tudo triumphar.
 Não é grande a minha culpa
 Em ter livre o peito um dia;
 Glaura emfim não conhecia;
 Tem desculpa o não amar.

AMOR

Pela gloria a que aspiraste
 Desprezaste os meus thesouros:
 De teus louros adornado,
 Desgraçado, vae chorar.

PASTOR

Inda os olhos não serenas?
 Inda, amor, commigo és féro?
 Em vão choro, em vão espero
 Minhas penas abrandar?

Já meu pranto os troncos move
Co' estes languidos gem'dos:
Ah! não cerres os ouvidos,
Que é de Jove o perdoar!

AMOR

Pela gloria a que aspiraste
Desprezaste os meus thesouros:
De teus louros adornado,
Desgraçado, vae chorar.

O DESGOSTO

Se piedade, ó Glaura, sentes,
Não augmentes meu desgosto :
O teu rôsto não me occultes,
Não insultes meu penar.

A meus ais responde a brenha,
A meus ais enternecidos ;
Luda vem os meus gemidos
N'esta penha redobrar.
Só resiste a minhas dôres
Esse peito ingrato e féro ;
Infeliz! que em vão espero
Teus rigores abrandar.

Se piedade, ó Glaura, sentes,
Não augmentes meu desgosto :
O teu rôsto não me occultes,
Não insultes meu penar.

Doure os céos a luz brilhante :
Tudo offusque a sombra escura
Has de vêr-me sem ventura
Triste amante a suspirar.

Ah! cruel! e assim me deixas
N'este barbaro tormento?
Minhas máguas, meu lamento,
Minhas queixas solto ao ar?

Se piedade, ó Glaura, sentes,
Não augmentes meu desgosto:
O teu rosto não me occultes,
Não insultes meu penar.

Já se apartam nevoas frias,
Ri-se o campo, ri-se a esphera:
Torna a doce primavera...
Oh! que dias vão raiar!
Ai de mim! que não consigo
Nem prazeres, nem descanso:
Foge o bem e não alcanço,
Vae commigo o meu pesar.

Se piedade, ó Glaura, sentes,
Não augmentes meu desgosto:
O teu rosto não me occultes,
Não insultes meu penar.

Pensativo entre estas fa'as,
Aborreço o valle, os montes:
Não me alegam sombras, fontes,
Nem as praias, nem o mar.
O meu canto não respira
Na aspereza d'estas grutas;
Mas se tu me não escutas,
Fique a lyra exposta ao ar.

Se piedade, ó Glaura, sentes,
Não augmentes meu desgosto:
O teu rosto não me occultes,
Não insultes meu penar.

A PRIMAVERA

Vem, ó doce primavera;
Já te espera a minha amada;
Não agrada triste inverno
A meu terno e brando amor.

Negras nuvens amontôa
O chuvoso sudoeste;
Move a cólera celeste,
Tudo atrôa o seu furor.
Geme e em serras levanta o
Bate o mar na rocha dura:
Perde o rumo sem ventura
Sossobrado o pescador.

Vem, ó doce primavera;
Já te espera a minha amada;
Não agrada triste inverno
A meu terno e brando amor.

Ameaça turvo o rio,
Com estrondo a fonte desce;
E no céu só apparece
Euro frio estragador.

POEMAS EROTICOS

Nem da flauta, nem da lyra
A sonora voz se escuta;
Solitaria e feia a gruta
Não inspira mais que horror!

Vem, ó dôce primavera;
Já te espera a minha amada:
Não agrada triste inverno
A meu terno e brando amor.

Glaura estima as bellas flôres,
Ama os zephiros suaves:
Quer ouvir no campo as aves
E os amores do pastor.
Vejo dryade saudosa
Na mangueira com desgosto,
Por não vêr seu lindo rosto,
Que da rosa tem a côr.

Vem, ó dôce primavera;
Já te espera a minha amada;
Não agrada triste inverno
A meu terno e brando amor.

Traze a aurora scintillante,
Que rompendo o véo escuro,
Mostre a Glaura novo e puro
Seu brihante resplendor.
Nos seus olhos re:uscite
D'estes montes a alegria;
Crescerá de dia em dia
Sem limite o meu ardor.

Vem, ó dôce primavera;
Já te espera a minha amada;
Não agrada triste inverno
A meu terno e brando amor.

Á MANGUEIRA

Carinhosa e dôce, ó Glaura,
Vem esta aura lisonjeira;
E a mangueira já florida
Nos convida a respirar.

Sobre a relva o sol donrado
Bebe as lagrimas da Aurora,
E suave os dons de Flora
N'este prado vê brotar.
Ri-se a fonte: e bella e pura
Sae dos asperos rochedos,
Os pendentes arvoredos
Com brandura a namorar.

Carinhosa e dôce, ó Glaura,
Vem esta aura lisonjeira;
E a mangueira já florida
Nos convida a respirar.

Com voz terna harmoniosa
Canta alegre o passarinho,
Que defronte do seu ninho
Vem a esposa consolar.

Em festões os lyrios trazem...
Nymphas, vinde... eu dou os braços;
Apertae de amor os laços,
Que me fazem suspirar.

Carinhosa e dôce, ó Glaura,
Vem esta aura lisonjeira;
E a mangueira já florida
Nos convida a respirar.

Vês das graças o alvoroço?
Ah! prenderam entre flôres
Os meus tímidos amores,
Que não posso desatar!
Como os cobre o casto pejo!
Mas os olhos innocentes
Inda mostram descontentes
O desejo de agradar.

Carinhosa e dôce, ó Glaura,
Vem esta aura lisonjeira;
E a mangueira já florida
Nos convida a respirar.

Vagaroso e com saudade,
Triste, languido e sombrio
Verdes bosques lava o rio
Sem vontade de os deixar.
Ao prazer as horas demos
Da estação mais opportuna;
Que estes mimos da fortuna
Inda havemos de chorar.

Carinhosa e dôce, ó Glaura,
Vem esta aura lisonjeira;
E a mangueira já florida
Nos convida a respirar.

A ROSA

Quanto, ó nympha, é venturosa
Essa rosa delicada!
Invejada no teu peito,
Satisfeito a vé o amor.

Pediu Flora a natureza
Ao vestir de novo os prados,
Que esmerasse os seus cuidados
Na belleza d'esta flôr.
Logo abrindo as azas leves
Os favonios a ampararam:
Nem as chuvas lhe tocaram,
Nem das neves o rigor.

Quanto, ó nympha, é venturosa
Essa rosa delicada!
Invejada no teu peito
Satisfeito a vé o amor!

Elle foi Argos zeloso,
Que a guardava noite e dia;
E entre espinhos a escondia
Do amoroso lavrador.

Nova abelha por sensível
D'esse nectar á doçura,
Encontrou na setta dura
O terrível seu furor.

Quanto, ó nympha, é venturosa
Essa rosa delicada!
Invejada no teu peito
Satisfeito a vê o amor!

Se no adorno teu se emprega,
Vale mil e mil boninas;
Mas se o seio lhe destinas,
Nada chega ao seu valor.
Eu lhe vejo um só desgosto,
Que nas folhas mal encobre;
Pois conhece que é mais nobre
Do teu rôsto a bella côr.

Quanto, ó nympha, é venturosa
Essa rosa delicada!
Invejada no teu peito
Satisfeito a vê o amor!

Que fortuna! a rosa treme? . . .
Sonho? ó Glaura, eu não deliro:
Voa e foge o teu suspiro,
E não teme o ser traidor.
Vem, suspiro terno e mudo;
Vem, dissipa os meus temores;
Vence a rosa ás outras flôres,
Vença tu lo o meu ardor.

Quanto, ó nympha, é venturosa
Essa rosa delicada!
Invejada no teu peito,
Satisfeito a vê o amor!

Á MARÉ

Se invejoso o amor te impede
Vér a réde no remanso,
Deixo o lanço; ah! que em demoras
Vão as horas da maré!

Namorada Galathéa,
Que abrandou os negros mares,
Fugirá d'estes logares,
Se na areia te não vé.
Tem de perolas um fio
N'estes humidos rochedos,
E mostrando os seus segredos,
Diz ao rio, que t'as dé.

Se invejoso o amor te impede
Vér a réde no remanso,
Deixo o lanço; ah! que em demoras
Vão as horas da maré!

Surda mágua me consome
E o tormento mais se aggrava,
Quando amor na rica aljava
O teu nome escripto lé.

POEMAS EROTICOS

Ai de mim! ó Venus bella,
Que do amor tenho ciumes!
Nada valem meus queixumes...
Choro e ella me não crê.

Se invejoso o amor te impede
Vér a réde no remanso,
Deixo o lanço; ah! que em demoras
Vão as horas da maré!

Vi, ó Glaura... que prodigio!
Meu alento se perturba!...
Vi de amores linda turba
N'um vestigio do teu pé.
Mas não te enchas de vaidade,
Que os amores são ligeiros;
Vão e tornam lisonjeiros
Sem verdade, ardor, nem fé.

Se invejoso o amor te impede
Vér a réde no remanso,
Deixo o lanço; ah! que em demoras
Vão as horas da maré!

Ah cruel! porque te escondes
De quem só por ti desmaia?
Porque deixas esta praia?
Não respondes? ah! porque?
Já feroz melancholia
Tolda o mar, cobre a espessura:
Para os mimos da ventura
Este dia já não é.

Se invejoso o amor te impede
Vér a réde no remanso,
Deixo o lanço; ah! que em demoras
Vão as horas da maré!

O BOSQUE

Dás-me, amor, o que desejo;
 Mas não vejo Glaura bella:
 E sem ella... ah! que eu deliro,
 E suspiro sem cessar!

Entre o musgo a penha dura
 Mostra azues, mostra rosadas
 As conchinhas delicadas
 Com brandura a gottejar.
 Sobre a fonte crystallina
 Cedro annoso e curvo pende:
 Namorado a rama estende,
 E se inclina para o mar.

Dás-me, amor, o que desejo;
 Mas não vejo Glaura bella:
 E sem ella... ah! que eu deliro,
 E suspiro sem cessar!

Verdes choupos, verdes faias
 Move zephyro brincando:
 Louras nymphas vem nadando
 Estas praias a beijar.

Vejo candidos amores,
Vejo graças melindrosas,
E as abelhas preciosas,
Que nas flôres vem pousar.

Dás-me, amor, o que desejo;
Mas não vejo Glaura bella:
E sem ella... ah! que eu deliro,
E suspiro sem cessar!

Os prazeres mais suaves
Aqui voam noite e dia:
Ouve em vozes da alegria
Ternas aves modular.
Os agrados innocentes,
Que só viu a idade de ouro,
N'esta gruta o seu thesouro
Vem contentes derramar.

Dás-me, amor, o que desejo;
Mas não vejo Glaura bella:
E sem ella... ah! que eu deliro,
E suspiro sem cessar!

Este bosque afortunado,
Que delicias mil ajunta,
Seja embora o de Amathunta
Dedicado à tutelar.
Voltarei, amor piedoso,
A' minha aspera montanha:
Lá, se a nympha me acompanha,
Vou ditoso respirar.

Dás-me, amor, o que desejo:
Mas não vejo Glaura bella:
E sem ella... ah! que eu deliro
E suspiro sem cessar!

OS SEGREDOS

Vi Cupido, ó Glaura, um dia,
Em que ardia o sol no prado,
E sentado entre arvoredos
Mil segredos me mostrou.

Suspirei ao ver nas flôres
A desgraça e a ventura:
E inda mais quando a ternura
E os amores me affirmou.
Penso então absorto e mudo
Nos encantos da belleza,
Que risonha a natureza
Sobre tudo derramou.

Vi Cupido, ó Glaura, um dia,
Em que ardia o sol no prado,
E sentado entre arvoredos
Mil segredos me mostrou.

Entendi o som constante
D'este rio gracioso,
E o do zephyro saudoso,
Fino amante, me agradou,

Esta fonte despenhada
Tambem geme, tambem chora,
E dos troncos que enamora,
Apartada se queixou.

Vi Cupido, ó Glaura, um dia,
Em que ardia o sol no prado,
E sentado entre arvoredos
Mil segredos me mostrou.

Se me vês enternecido
Ao rolar o pombo, attende,
Que a minha alma a voz lhe entende :
Pois Cupido me ensinou.
Frio peixe, bruta féra,
Veloze ave . . . ah ! quanto existe
Ao amor em vão resiste,
Que na esphera triumphou.

Vi Cupido, ó Glaura, um dia,
Em que ardia o sol no prado,
E sentado entre arvoredos,
Mil segredos me mostrou.

Ternos votos elle inflamma
Em ardor suave e puro :
Corações de bronze duro
N'outra chamma incendiou.
E sabendo que estes vailes
Só me dão crueis abrolhos,
Co' a doçura dos teus olhos
Os meus males abrandou.

Vi Cupido, ó Glaura, um dia,
Em que ardia o sol no prado,
E sentado entre arvoredos,
Mil segredos me mostrou.

O BOSQUE DOS AMORES

Duros troncos, verde prado,
Matizado de mil flôres,
Aos amores vos dedico,
E aqui fico a suspirar.

Dôce amor aqui me inflamma,
Descobrando os seus segredos :
Eu ouvi entre os rochedos
Nova chamma a preparar.
Quiz fugir por estes valles ;
Receei que elle me visse :
E risonho então me disse,
« Vou teus males abrandar. »

Duros troncos, verde prado,
Matizado de mil flôres,
Aos amores vos dedico,
E aqui fico a suspirar.

Este rio vagaroso,
Que enamora as altas penhas,
Apartando-se das brenhas,
Vae saudoso para o mar

N'esta gruta amor inspira
Os desejos mais suaves :
Sobre a planta, sobre as aves
Vôa e gira sem cessar.

Duros troncos, verde prado,
Matizado de mil flô es,
Aos amores vos dedico,
E aqui fico a suspirar.

Nasce aqui mimoso o trevo,
E o serpão e a mangerona :
Os tributos de Pomona
Mim me atrevo a numerar.
Bella candida, innocente
A alegria sem queixumes
Os pesares e os crimes
Não consente aqui chegar.

Duros troncos, verde prado,
Matizado de mil flôres,
Aos amores vos dedico,
E aqui fico a suspirar.

Co'os prazeres, co'a ternura,
Co'as deuccias da floresta :
Glaura vem no ardor da sesta
A tre-cura respirar.
Deixarei aqui gravada
Breves citras amorosas,
E este-lyrios e estas rosas,
Que entaçadas ha de achar.

Duros troncos, verde prado,
Matizado de mil flôres,
Aos amores vos dedico,
E aqui fico a suspirar.

O AMOR

Meu peito se inflamma,
O' nympha, soccorro,
Piedade, que eu morro
Na chamma de amor.
Se os dias serenas
Com dôces victorias,
Serão sempre glorias
As penas de amor.

Enxuga o meu pranto
Que fragoas accende :
O céu já se offende
De tanto rigor.

Triumphe a ternura
Nas cordas da lyra.
Que branda me inspira
Doçura de amor.
Dá fim aos desgostos
Que nutre o receio
E anima em teu seio
Os gostos de amor.

Enxuga o meu pranto,
Que fragoas accende :
O céu já se offende
De tanto rigor.

Por vér, que te agrava
Meu terno gemido,
O tinha escondido
Na aljava de amor.
Mas entre pesares
Suspira, e te roga
Conforto, e se afoga
Nos mares de amor.

Enxuga o meu pranto,
Que fragoas accende :
O céu já se offende
De tanto rigor.

Cantou passarinho
Com voz lisonjeira,
Que viu na mangueira
O ninho de amor.
Alegra os rochedos,
E aprende d'esta ave
No canto suave
Segredos de amor.

Enxuga o meu pranto,
Que fragoas accende :
O céu já se offende
De tanto rigor.

O monte me escuta,
Respondem as brenhas,
Que busque nas penhas
A gruta de amor.
As máguas contemplo
E a dôr, que me cança :
Envio a esperança
Ao templo de amor.

Enxuga o meu pranto,
Que fragoas accende :
O céu já se offende
De tanto rigor.

Vem vér n'estes valles
Os mimos de Flora,
E o triste, que chora
Os males de amor.
Re-pire a minha alma,
Que geme, que espera,
E ganhe em Cithera
A palma de amor.

Enxuga o meu pranto,
Que fragoas accende :
O céo já se offende
De tanto rigor.

Se amante annuncias
Prazeres ditosos ;
Será , preciosos
Os dias de amor.
Ah ! deixa os rigores,
Dar-te-hei, Gl.ura bella
Em nova capella
Mil flôres de amor.

Enxuga o meu pranto,
Que fragoas accende :
O céo já se offende
De tanto rigor.

À AUSENCIA

Musgosa e fria gruta,
Sombrios arvoredos,
De vós os meus segredos
Confia o terno amor.

Ouvi, ó duras penhas ;
Ouvi a minha dôr.

Chorando a bella Glaura
Me teve nos seus braços :
Ah! que tão doces laços
Não viu jámais o amor !
N'aquelle triste dia
Morreu minha esperança ;
Deixando na lembrança
Mais vivo o meu ardor.

Ouvi, ó duras penhas,
Ouvi a minha dôr.

Eu vi nadar em pranto
Aquel es olhos bellos,
E soltos os cabellos,
Com que brincava amor.

Já rouca suspirando
De mágua, e de ternura.
Com a mão no peito jura
O mais constante ardor.

Ouvi, ó duras penhas,
Ouvi a minha dôr.

Nas veias gêla o sangue,
Se choras Glaura afflicta:
O coração palpita,
E foge a viva côr.
Funesta desventura!
Cruel, impio desterro!
Porque de bronze ou ferro
Me não formaste, amor?

Ouvi, ó duras penhas,
Ouvi a minha dôr.

Por mim nos verdes troncos
Seu nome foi gravado;
Crescia o nome amado,
Crescia o meu amor.
Agora entre suspiros
Na funebre espessura
Lamento a sorte escura ..
Ai, misero pastor!

Ouvi, ó duras penhas,
Ouvi a minha dôr.

Nas libycas areias,
Ou sobre as neves frias,
Com ella alegre os dias
Passára sem temor.
Mas longe dos seus olhos,
Me assusta a morte avara,
E o mar que nos separa,
Separa o nosso amor.

Ouvi, ó duras penhas,
Ouvi a minha dôr.

Sonora e branda lyra
Das musas temperada,
Aqui serás deixada
Por victima de amor.

Ouvi, ó duras penhas
Ouvi a minha dôr.

OS SUSPIROS

Se a'gum dia, Glaura bella,
 Visitar estes retiros,
 Ouça os miseros suspiros,
 Que infelz emrigo ao ar.
 Seja este aspero rochedo
 Quem repita as minhas máguas
 E o ruido d'estas ag ias
 Quem lhe pin'e o meu pesar.

Ah! conserva, amor, que ouviste
 O meu triste suspirar.

Guarda amante e compassiva
 Febil écho, que me escutas,
 Na a perez'a d'estas gruas
 Retratado o meu penar.
 Aqui Glaura pela tarde
 Que decline a calma espera.
 Qual a deusa de Cythéra,
 Quando sae do fundo mar.

Ah! conserva, amor, que ouviste
 O meu triste suspirar.

A LYRA DESGRAÇADA

N'este louro pendurada
Ficarás, ó doce lyra,
Onde o vento, que respira,
Te fará soar de amor.
Féras, troncos e rochedos
Já moveste de terra;
Só de Glaura sempre dura
Não abrandas o rigor!

Adeus, lyra desgraçada,
Consagrada ao triste amor!

Plantei na alma o puro agrado,
Que pendia de teus olhos;
Vi nascer crueis abrolhos,
Em logar do terno amor!
Estes bosques, estas fontes,
Estas flôres, este prado,
Tudo, oh! céos, vejo mudado,
Tudo sente a minha dôr!

Adeus, lyra desgraçada,
Consagrada ao triste amor.

AS GRAÇAS

Se apparece Glaura bella,
 Vejo as graças melindrosas,
 Que jasmim, lyrios e rosas
 Desfolhando alegres vêm.
 O prazer dissipa as máguas,
 Os desgostos, e os ciumes:
 Enche o ar de mil perfumes,
 Que nas brancas azas tem.

Leva, amor, os meus gemidos
 Aos ouvidos do meu bem.

De vós, dryades formosas,
 Saiba Glaura os meus amores;
 Dae-lhe conchas, dae-lhe flôres,
 Dae-lhe lagrimas tambem.
 Ah! pintae-lhe n'esta fonte
 Que será minha ventura,
 Se nos braços da ternura
 Deixa amante o seu desdem.

Leva, amor, os meus gemidos
 Aos ouvidos do meu bem.

XI.VIII

A MÁGUA

Hamadryade me disse,
Que fugisse d'este monte :
E na fonte e na floresta
Vi funesta a minha dôr.

Sobre nuvens, e entre raios,
Oh! que monstro! a Febre vinha,
E na mão por lanças tinha
Os desmaios, o terror.
Mais cruel a morte a segue,
Espantosa, feia e dura,
Que só victimas procura,
Em que empregue o seu furor.

Hamadryade me disse,
Que fugisse d'este monte,
E na fonte e na floresta
Vi funesta a minha dôr.

Geme o pallido desgosto,
Envolvido em negro manto :
Geme e chora, e no seu pranto
Cobre o rosto o triste amor.

Tudo, ó céos! tudo me assusta:
 Temo... ai! nympha desgraçada!
 Temo estrella sempre irada,
 Sempre injusta em seu rigor.

Hamadryade me disse,
 Que fugisse d'este monte,
 E na fonte é na floresta
 Vi funesta a minha dôr.

Cede Glaura, ó campo! ó lares!
 Cede aos miseros destinos,
 E em seus olhos crystallinos
 Dos pesares vejo a côr.
 Onde estão os dôces laços?
 Onde estão? ah! vér não quero!
 Ai de mim! que mais espero
 Já nos braços do pavor!

Hamadryade me disse,
 Que fugisse d'este monte,
 E na fonte e na floresta
 Vi funesta a minha dôr.

O lamento, a mortal ancia
 Me acompanham n'estes valles,
 E esmorece em tantos males
 A constancia e o valor.
 Se te occulta a terra iria;
 Que farei n'estes r' tiros?
 Ouve, ó Glaura, ouve os suspiros
 Que te envia o teu pastor.

Hamadryade me disse,
 Que fugisse d'este monte,
 E na fonte e na floresta
 Vi funesta a minha dôr.

XLIX

O RIO

Chora o rio entre arvoredos,
Nos penedras recostado:
Chora o prado, chora o monte,
Chora a fonte, a praia, o mar.

Vem as graças lagrimosas,
E os amores sem ventura
N'esta fria sepultura
Pranto e rosas derramar.
Por ti, Glaura, a natureza
Se cobriu de mágoa e lucto:
Quanto vejo, quanto escuto
E' tristeza, e é pesar.

Chora o rio entre arvoredos,
Nos penedras recostado:
Chora o prado, chora o monte,
Chora a fonte, a praia, o mar.

A escondida, aspera fumaça
Deixam satyros agrestes,
E de lugubres cyprestes
Vem a urna circular.

Vem saudades, vem delirios,
Vem a dôr, vem o desgosto
Co'os cabellos sobre o rôsto
Murta e lyrios espalhar.

Chora o rio entre arvoredos,
Nos penedos recostado:
Chora o prado, chora o monte,
Chora a fonte, a praia, o mar.

N'estes ramos flebil aura
Triste vôa e prêsa gira:
Glaura aqui, e alli suspira,
Torna *Glaura* a suspirar.
Echo, as dryades magô i,
O saudoso nome ouvindo;
E na gruta repetindo,
Glaura sôa e geme o ar.

Chora o rio entre arvoredos,
Nos penedos recostado:
Chora o prado, chora o monte,
Chora a fonte, a praia, o mar.

Glaura, ó morte enfurecida,
Espirou... que crueldade!
E pudeste sem piedade
Sua vida arrebatat?
Cae a noite, a nevoa grossa
Turva os céos co' manto escuro;
E eu afflicto em vão procuro
Quem me possa consolar.

Chora o rio entre arvoredos,
Nos penedos recostado:
Chora o prado, chora o monte,
Chora a fonte, a praia, o mar.

L

A L U A

Como vens tão vagarosa,
O' formosa e branca lua!
Vem co'a tua luz serena
Minha pena consolar.

Geme, oh! céos! mangueira antiga
Ao mover-se o rouco vento,
E renova o meu tormento,
Que me obriga a suspirar.
Entre pallidos desmaios
Me achará teu rôsto lindo,
Que se eleva, reflectindo
Puros raios sobre o mar.

Como vens tão vagarosa,
O' formosa e branca lua!
Vem co'a tua luz serena
Minha pena consolar.

Sente Glaura mortaes dôres:
Os prazeres se occultaram.
E no seio lhe ficaram
Os amores a chorar.

Infeliz! sem lenitivo
Foge tímida a esperança,
E me affige co'a lembrança
Mais activo o meu pesar.

Como vens tão vagarosa,
O' formosa e branca lua!
Vem co'a tua luz serena
Minha pena consolar.

A cançada phantasia
N'esta triste escuridade,
Entregando-se á saudade,
Principia a delirar.
Já me assaltam, já me ferem
Melancholicos cuidados!
São espectros esfaimados,
Que me querem devorar.

Como vens tão vagarosa,
O' formosa e branca lua!
Vem co'a tua luz serena
Minha pena consolar.

Oh! que lugubre gemido
Sae d'aquelle caueiro!
E' do passaro agoureiro
O sentido lamentar!
Puro amor!... terrivel sorte...
Glaura bella... infau-to agouro!...
Ai de mim! e o meu thesouro,
Impia morte, has de roubar?

Como vens tão vagarosa,
O' formosa e branca lua!
Vem co'a tua luz serena
Minha pena consolar.

A DOR

Vive, ó Glaura, n'estes valles
De meus males a memoria:
Muda historia que me pinta
Nunca extincta a mágua, a dôr.

Torno a vér este alto monte,
E os antigos arvoredos:
Tor o a vér estes rochedos,
E da fonte o puro humor.
Companheira das desgraças,
Tudo a morte desfigura:
Já voaram co' a ventura
Ternas graças, brando amor.

Vive, ó Glaura, n'estes valles
De meus males a memoria:
Muda historia que me pinta
Nunca extincta a magoa, a dôr.

O meu canto harmonioso
Estes bosques apprenderam,
Quando as nymphas prometteram
Fim ditoso ao meu ardor.

Onde, ó barbaro destino,
Onde estão as vans promessas?
Na minha alma as deixa impressas,
O ferino teu rigor.

Vive, ó Glaura, n'estes valles
De meus males a memoria:
Muda historia que me pinta
Nunca extincta a mágua, a dôr.

Amoroso os meus tributos
N'este ramo pendurava:
Eu fugia e Glaura achava
Ora os fructos, ora a flôr.
Hoje, ó céos! o meu espanto
N'estes funebres retiros
Vé saudades, vé suspiros,
Triste pranto e feio horror.

Vive, ó Glaura, n'estes valles
De meus males a memoria:
Muda historia que me pinta
Nunca extincta a mágua, a dôr.

Nunca extincta! . . . ingrata estrella!
Nunca mais eu hei de vêr-te?
Ai de mim! e ha de perder-te,
Glaura bella, o teu pastor?
Só tu, dryade, me escutas,
Encostada ao duro tronco!
E gemendo o fauno bronco
Enche as grutas de pavor.

Vive, ó Glaura, n'estes valles,
De meus males a memoria:
Muda historia que me pinta
Nunca extincta a mágua, a dôr.

A ROSEIRA

Ah! roseira desgraçada
Dedicada aos meus amores,
Tuas flôres mal se abriram,
E cahiram de pesar!

Quando Glaura me dizia,
Que era sua esta roseira,
De esperança lisonjeira
Me sentia consolar.
Mas a sorte, que invejosa
Este allivio não consente,
Não ha mal que não invente
Rigorosa em maltratar.

Ah roseira desgraçada,
Dedicada aos meus amores,
Tuas flôres mal se abriram,
E cahiram de pesar!

Da risonha primavera
Esperei os dias bellos:
Glaura... oh dôr! os teus cabellos
Quem podéra coroar.

Já não vives, oh que mágua!
 E a roseira que foi tua,
 Eu a vejo esteril, nua,
 Junto d'agua desmaiar.

Ah! roseira desgraçada,
 Dedicada aos meus amores,
 Tuas flôres mal se abriram,
 E cahiram de pesar!

Parca iniqua, atroz, funesta,
 Era teu o infuusto agouro;
 Já levaste o meu the-ouro,
 Mais não resta que roubar.
 Nem as flôres permittest' . . .
 Oh! que barbara impiedade!
 Fica só cruel saudade,
 Fica o triste suspirar.

Ah! roseira desgraçada,
 Dedicada aos meus amores,
 Tuas flores mal se abriram,
 E cahiram de pesar!

De teus ramos a belleza
 Era o mimo d'estes prados;
 Move agora, o impios lados!
 De tristeza a lamentar
 Horrerosos são meus males;
 Tudo encontro em nevoa escura;
 Vem commigo a desventura
 Estes valles assombrar.

Ah! roseira desgraçada,
 Dedicada aos meus amores,
 Tuas flôres mal se abriram,
 E cahiram de pesar!

ORPHEU

Quando a esposa procuraste,
Abrandaste o reino triste;
E inda viste a formosura
Sem ventura, ó doce Orpheu.

O trífauce cão raivoso
Te escutou cheio de espanto:
O inflexível Rhadamanto
Lagrimoso se moveu.
Cae das mãos o fio á Parca:
Ergue atroz Megera a fronte:
Tua dôr sentiu Charonte,
E da barca s'esqueceu.

Quando a esposa procuraste,
Abrandaste o reino triste,
E inda viste a formosura
Sem ventura, ó doce Orpheu.

Come Tantaló esfaimado:
De Ixion se aparta o medo:
Deixa Sisypho o rochedo,
E sentado adormeceu.

Não temeste o vulto afflicto
Da tartárea antiga noite,
Que medonha o ferreo açoite
No Cocyto suspendeu.

Quando a esposa procuraste,
Abrandaste o reino triste,
E inda viste a formosura
Sem ventura, ó dôce Orpheu.

Apesar do fero damno,
Só Eurydice buscavas :
Só Eurydice choravas,
E Summano a concedeu.
Tu a vês saudoso e terno ;
Ah ! cruel e vão prodigio!
Foge a sombra pelo Estygio,
E no Averno emfim gemeu.

Quando a esposa procuraste,
Abrandaste o reino triste,
E inda viste a formosura
Sem ventura, ó dôce Orpheu.

Glaura aqui . . . aqui se esconde
Vida, amor, gôsto e belleza . . .
Glaura ! . . . oh ! céos ! mortal tristeza
Me responde : Já morreu !
Mas infausta a morte gira
Sempre surda a meu lamento ;
E de mágua e de tormento
Rouca a lyra emmudeceu.

Quando a esposa procuraste,
Abrandaste o reino triste,
E inda viste a formosura
Sem ventura, ó dôce Orpheu.

A ARVORE

Adeus, arvore frondosa,
Venturosa em toda a idade!
O' saudade, ó pena, eu morro
Sem soccorro a de. irar!

D'este bosque alto e sombrio
Sobre a margem da floresta
Vinha Glaura pela :ésta
Valle e rio enamorar.
Tua dryade a chamava,
O' mangueira, ó dias bellos!
E entre pomos amarellos
Me esperava a suspirar.

Adeus, arvore frondosa,
Venturosa em toda a idade!
O' saudade, ó pena, eu morro
Sem soccorro a delirar!

Quando o vento estremecia
N'essa rama verde escura,
Glaura cheia de ternura
Se affligia de esperar.

Os teus fructos mereceram
Ser por e la preteridos,
E o meu pranto, e os meus gemidos
A souberam abrandar.

Adeus, arvore frondosa,
Venturosa em toda a idade!
O' saudade, ó pena, eu morro
Sem soccorro a delirar!

Morte iniqua... ai, fado escuro!
Céo piedoso, eu esmoreço!
Tudo sente o que eu padeço;
Quanto é duro o meu penar!
Onde eu via as tenras flôres
Vejo cardos, vejo espinhos:
Já não ouço os passarinhos
Seus amores gorgear.

Adeus, arvore frondosa,
Venturosa em toda a idade!
O' saudade, ó pena, eu morro
Sem soccorro a delirar!

Ai de mim ó vida triste!
Dôr cruel, terna lembrança!
Acabou minha esperança,
Só existe o meu pesar.
Glaura, ah! Glaura! em vão te chamam!
Chora amor e quasi expira,
E me manda a dôce lyra
N'este ramo pendurar.

Adeus, arvore frondosa,
Venturosa em toda a idade!
O' saudade, ó pena, eu morro
Sem soccorro a delirar.

AS CORDEIRINHAS

Cordeirinhas innocentes,
Descontentes na espessura,
A ventura já perdemos,
Comecemos a morrer.

Ponde, ó Glaura, o fatal dia
Arrancar-te de meus braços!
Ai amor, ai ternos laços
Onde eu via o meu prazer.
Só por Glaura se alegravam
Faunos, dryades, pastores:
Estes campos, estas flôres
Respiravam só de a vêr.

Cordeirinhas innocentes,
Decontentes na espessura,
A ventura já perdemos,
Comecemos a morrer.

N'este misero destrôço
Vem ó Parca endurecida,
Corta os fios d'uma vida,
Que não posso já sofrer.

O silencio triste e mudo
 Vive n'esta soledade,
 Vive a funebre saudade,
 Que laz tudo enternecer.

Cordeirinhas innocentes,
 Descontentes na espessura,
 A ventura já perdemos,
 Comecemos a morrer.

Geme Glaura; mas não chora.
 Ai de mim que o seu gemido,
 Na minha alma repetido
 Inda agora a faz tremer!
 Quasi immovel e turbada
 Co'a mão trémula m'acena;
 Eu a vejo, ó céos, que pena!
 Descórada esmorecer.

Cordeirinhas innocentes,
 Descontentes na espessura,
 A ventura já perdemos,
 Comecemos a morrer.

Disse emfim: « Adeus, ó prados,
 « Ah! pastor! as crias bellas...
 « Que momento!... ah! possam ellas
 « Teus cuidados merecer!»
 Falta a voz... não lhe permite
 Fria morte; acerbas máguas!
 Já meus olhos não tem aguas,
 Nem limite o padecer.

Cordeirinhas innocentes,
 Descontentes na espessura,
 A ventura já perdemos,
 Comecemos a morrer.

À MORTE

O prazer, a singelleza,
A belleza, que em ti via,
N'um só dia, ingrata sorte!
Tudo a morte me roubou.

Esculpido na memoria
Amo, ó Glaura, o teu semblante;
N'elle vejo a cada instante
Essa gloria que passou.
Volve o rio as puras aguas,
Vae correndo e não descança;
Assim foi minha esperança,
E só máguas me deixou.

O prazer, a singelleza,
A belleza, que em ti via,
N'um só dia, ingrata sorte!
Tudo a morte me roubou.

N'este bosque, em verde leito,
Que já foi por ti ditoso,
Leio o nome teu saudoso,
Que em meu peito o amor gravou

Este monte, que já viste
Pelas graças habitado,
D'ellas hoje desprizado,
Feio e triste se tornou.

O prazer, a singelleza,
A belleza, que em ti via,
N'um só dia, ingrata sorte!
Tudo a morte me roubou.

Glaura chamo sem conforto,
E só écho me responde:
Glaura bu-co e não sei onde,
Nem se morto ou vivo estou.
Assim triste passarinho
A conserte em vão procura,
Que farpada setta dura
Do seu ninho arrebatou.

O prazer, a singelleza,
A belleza, que em ti via,
N'um só dia, ingrata sorte!
Tudo a morte me roubou.

Voraz tempo não consome,
Nem abrandá meus pesares,
Nem eu deixo estes logares
Que o teu nome eternisou.
Entre os concavos rochedos
Chorarei enternecido,
Onde amor compadecido
Meus segredos sepultou.

O prazer, a singelleza,
A belleza, que em ti via,
N'um só dia, ingrata sorte!
Tudo a morte me roubou.

A SAUDADE

Tudo, ó Glaura, tudo existe
Feio e triste de saudade :
Vôa a idade e não consome
O teu nome e o meu amor.

Ai de mim, a noite escuta
Pavorosa o som das aguas!
Turbarei co'as minhas máguas
D'esta gruta o mudo horror.
Vem, ó morte, eu não m'espanto
Vem cruel, armada e fera :
Rouco e fun bre te espera
O meu pranto, a minha dôr.

Tudo, ó Glaura, tudo existe
Feio e triste de saudade :
Vôa a idade e não consome
O teu nome e o meu amor.

Entre as mãos do fado acerbo
Eu te vi desallecida,
Qual a pomba já ferida
Do soberbo, iniquo açôr.

Tal a ovelha mais formosa
Levas, tigre ensanguentado :
Assim rompes, tôscio arado,
A mimosa e tenra flôr.

Tudo, ó Glaura, tudo existe
Feio e triste de saudade :
Vôa a idade e não consome
O teu nome e o meu amor.

Com pesar, e com desgôsto
Expirou minha alegria
Quando, ó céos! no infausto dia
O teu rôsto vi sem côr.
Os teus olhos... ah! que eu sinto
Mais intensa a mágua dura!
Eu os vi em sombra escura,
Já extinto o esplendor.

Tudo, ó Glaura, tudo existe
Feio e triste de saudade :
Vôa a idade e não consome
O teu nome e o meu amor.

Sobre a penha afflicto e terno
Gravarei funesta historia ;
E das nymphas na memoria
Fique eterno o meu ardor.
Cercarei de rôxos lyrios
O logar em que descanças :
Ai, perdidas esperanças,
Vãos delirios do pastor!

Tudo, ó Glaura, tudo existe
Feio e triste de saudade :
Vôa a idade e não consome
O teu nome e o meu amor.

ADEUS Á LYRA

Adeus, lyra; a mão cansada
Pendurada aqui te deixa,
E se queixa da ventura;
Ai, ternura, ai, doce amor!

Já o Anfriso em rude tecto
Te escutou, ó lyra d'ouro,
Quando viu o moço louro,
Que de Admeto foi pastor.
Pelas grutas esquecido,
Mudo satyro te ouvia:
Brando zephyro at endia,
Suspendido e sem rumor.

Adeus, lyra; a mão cansada
Pendurada aqui te deixa,
E se queixa da ventura;
Ai, ternura, ai, doce amor!

Arrojado ao pégo turvo,
Arion harmonioso
Foi contigo venturoso
Sobre o curvo nadador.

Viu nos humidos logares
 Entre a turba sem limite,
 Gaia, Doris e Anphyrrite,
 E dos mares o senhor.

Adeus, lyra; a mão cançada
 Pendurada aqui te deixa,
 E se queixa da ventura;
 Ai, ternura, ai, dôce amor!

C'os teus sons, mais do que humano
 Commoveu os duros troncos,
 Arrastou rochedos broncos
 O thbano fundador.
 Tu venceste o carrucudo,
 Negro Averno, sempre afficto;
 E abrandaste do Coccyto
 O sanhudo ladrador.

Adeus, lyra; a mão cançada
 Pendurada aqui te deixa,
 E se queixa da ventura;
 Ai, ternura ai, dôce amor!

Geme agora; se é que viste
 Explorar... e nos meus braços...
 Glaura... oh! céos! oh! puros laços!
 Dia triste! horrivel dôr!
 Rouca a voz... o peito frio...
 Vista incerta... ai, Glaura! oh! sorte!
 Tremo... choro... insulto a morte,
 Desafio o seu rigor.

Adeus, lyra, a mão cançada
 Pendurada aqui te deixa,
 E se queixa da ventura;
 Ai, ternura, ai, doce amor!

Propaganda de instrução para Portuguezes e Brasileiros

BIBLIOTHECA UNIVERSAL

ANTIGA E MODERNA

SOB A DIRECÇÃO DE FERNANDES COSTA

100 Cada volume
REIS
BROCHADO

PUBLICA-SE

NOS DIAS 3 E 18

DE CADA MEZ

Cada volume **100**
REIS
BROCHADO

Collecção de obras primas litterarias e scientificas dos melhores auctores de todos os tempos e de todos os paizes

HISTORIA — PHILOSOPHIA — POLITICA — THEATRO

ARTE — POESIA — ROMANCE — ECONOMIA — LITTERATURA — CRITICA

As volumes de 128 paginas, brochados, compostão cheia, corpo 8, impressão nitida em bom papel

Cada obra é acompanhada de um breve estudo biographico e critico do seu auctor.

Series de quatro volumes, encadernados em um só, em percalina impressa a ouro e negro com chapas especiaes, formando cada serie um volume de 512 paginas, 500 réis.

Capas especiaes separadas, para encadernar cada serie.

VOLUMES PUBLICADOS

PRIMEIRA SÉRIE

1. De Maistre, Viagem á roda do meu quarto.
2. 3. Lesage, O Bacharel de Salamanca.
4. Cazotte, O Diabo Amouroso.

SEGUNDA SÉRIE

5. Dickens, O Homem e o Espectro.
6. Gonzaga, A Marilha de Dique.
7. E. Huzar, O fim do mundo pela sciencia.
8. Voltaire, Cándido ou o Optimismo.

TERCEIRA SÉRIE

9. Andersen, O Jayali de Bronze.
10. 11. Thackeray, O Livro dos Snobs.
12. T. de Maupé, A Festa de Baldo.

QUARTA SÉRIE

13. Lamartine, Graziella.
14. 15. Fontenelle, A pluralidade dos mundos
16. Tolentino, Satyras e epistolas.

QUINTA SÉRIE

17. Voltaire, A prioceza de Babilonia.

18. 19. 20. G. Sand, O Diabo no campo.

SEXTA SÉRIE

21. A. Karr, Fa Sustenido.
22. Guida, Dois tamanquinhos.
23. 24. R. Lobo, O pastor peregrino.

SETIMA SÉRIE

25. Hoffmann, O Violino mysterioso.
26. De Bauville, A Lanterna magica.
27. Schopenhauer, Amor, melhores e casamento.
28. Sá de Miranda, Obras primas.

OITAVA SÉRIE

29. T. Gautier, Fort mo.
30. 34. Dumas Filho, A Da da das Camélias
32. Bocage, Idyllios, Cançonetas e Canções

NONA SÉRIE

33. 34. A. Karr, Antes nunca que tarda.
35. P. M. Burreira, Paginas ligéras.
36. Alvarenga, Poemas eroticos.

A SAHIR DO PRELO

37. Edgar Poe, O escaravelho de ouro
38. L. Buchner, Luz e vida.

39. Vast-Ricouard, A Sereia

Para adquirir quaesquer d estas obras dirigir-se em Lisboa á COMPANHIA NACIONAL EDITORA, successora de David Corazzi e Justico Guedes, Rua da Atalaya, 40 a 52, no Porto ao gerente da Filial, Praça de D. Pedro, 127, 1.º andar, e no Rio de Janeiro a Jose de Mello, representante da mesma casa, Rua da Quitanda, 38.

Todas as requisições devem ser acompanhadas da sua importancia em sellos, vales, ordens ou letras de facil cobrança.

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).